



PSICOLOGIA ARGUMENTO

periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento



Narrativa materna e teoria da mente em crianças pré-escolares: uma revisão sistemática

*Maternal narrative and theory of mind in preschool children:
systematic review*

*Narrativa materna y teoría de la mente en niños preescolares:
revisión sistemática*

FABIELLE ANTUNES VIVIAN ^[a]

PORTO ALEGRE, RS, BRASIL

^[a] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL (PUCRS)

LAURA SANGUINÉ FORMIGA ^[b]

PORTO ALEGRE, RS, BRASIL

^[b] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL (PUCRS)

LUÍSA LAMEIRA NUNES ^[c]

PORTO ALEGRE, RS, BRASIL

^[c] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL (PUCRS)

ADRIANE XAVIER ARTECHE ^[d]

PORTO ALEGRE, RS, BRASIL

^[d] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL (PUCRS)

^[a] Doutoranda em Psicologia pela PUCRS, e-mail: fabiellevivian@hotmail.com

^[b] Mestre em Psicologia pela PUCRS, e-mail: laura.sanguine@gmail.com

^[c] Graduanda em Psicologia pela PUCRS, e-mail: luisalnunes0503@gmail.com

^[d] Doutora em Psicologia pela PUCRS, e-mail: adriane.artech@pucrs.br

COMO CITAR: VIVIAN, F. A.; FORMIGA, L. S.; NUNES, L. L.; ARTECHE, A. X. NARRATIVA MATERNA E TEORIA DA MENTE EM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. *PSICOLOGIA ARGUMENTO*, 43(123). 1287-1318, 2025. [HTTPS://DX.DOI.ORG/10.7213/PSICOLARGUM.43.123.AO13](https://dx.doi.org/10.7213/PSICOLARGUM.43.123.AO13).

Resumo

As primeiras interações entre pais e filhos, especialmente as narrativas das mães, são essenciais no desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil. Esse tipo de interação auxilia a criança a compreender e inferir estados mentais, cruciais para a formação da Teoria da Mente (ToM). Embora existam estudos sobre o impacto da narrativa materna no desenvolvimento infantil, há necessidade de uma análise mais aprofundada sobre quais elementos e termos do estado mental são codificados, quais tarefas são utilizadas para observar e medir a narrativa parental e também quais são os principais achados da narrativa materna no desenvolvimento da ToM. O objetivo do estudo foi realizar uma revisão sistemática acerca dos sistemas de codificação de elementos/termos do estado mental aplicados em estudos sobre narrativas maternas no desenvolvimento da ToM infantil. A revisão foi conduzida segundo as diretrizes do método PRISMA, e foram incluídos 36 artigos que utilizaram tarefas de narrativa materna codificadas para elementos/termos de estado mental e instrumentos que avaliavam a ToM infantil. A maioria dos estudos identificou correlações positivas entre a narrativa materna e o desenvolvimento da ToM, especialmente com o uso de termos cognitivos e emocionais. A narrativa materna contribui, portanto, significativamente para a ToM, mas a falta de padronização nas metodologias sugere a necessidade de mais pesquisas para explorar essa relação em diversos contextos culturais e linguísticos a fim de possibilitar comparação entre estudos e o estabelecimento de consensos na literatura

Palavras-chave: teoria da mente; Educação Infantil; relações mães-filhos.

Abstract

The first interactions between parents and children, especially mothers' narratives, are essential in children's socio-emotional and cognitive development. This type of interaction helps the child understand and infer mental states, crucial for the formation of Theory of Mind (ToM). Although there are studies on the impact of maternal narrative on child development, there is a need for a more in-depth analysis of which mental state elements and terms are encoded, which tasks are used to observe and measure parental narrative, and also what are the main findings of the maternal narrative in the development of children's ToM. The objective of the study was to carry out a systematic review of the coding systems for mental elements/terms applied in studies on maternal narratives. The review was conducted according to the PRISMA method guidelines, and 36 articles were included that used maternal narrative tasks coded for mental state elements/terms and instruments that assessed child ToM. Most studies identified positive correlations between maternal narrative and the development of ToM, especially with the use of cognitive and emotional terms. Maternal narrative therefore contributes significantly to ToM, but the lack of standardization in methodologies suggests the need for more research to explore this relationship in diverse cultural and linguistic contexts, since it allows comparisons across studies.

Keywords: theory of mind; preschool; mother-child relations.

Resumen

Las primeras interacciones entre padres e hijos, especialmente las narrativas de las madres son esenciales en el desarrollo socioemocional y cognitivo de los niños. Este tipo de interacción ayuda al niño a comprender e inferir estados mentales, cruciales para la formación de la Teoría de la Mente (ToM). Aunque existen estudios sobre el impacto de la narrativa materna en el desarrollo infantil, es necesario un análisis más profundo de qué elementos y términos del estado mental están codificados, qué tareas se utilizan para observar y medir la narrativa parental, y también cuáles son los principales hallazgos de la narrativa materna en el desarrollo de la ToM. El objetivo del estudio fue realizar una revisión sistemática de los sistemas de codificación de elementos/términos del estado mental aplicados en estudios sobre narrativas maternas en el desarrollo de la ToM. La revisión se realizó con las pautas del método PRISMA y se incluyeron 36 artículos que utilizaban tareas narrativas maternas codificadas para elementos/términos del estado mental e instrumentos que evaluaban la ToM del niño. La mayoría de los estudios identificaron correlaciones positivas entre la narrativa materna y el desarrollo de la ToM, especialmente con el uso de términos cognitivos y emocionales. Por lo tanto, la narrativa materna contribuye significativamente a la ToM, pero la falta de estandarización en las metodologías sugiere la necesidad de realizar más investigaciones para explorar esta relación en

diversos contextos culturales y lingüísticos, porque dificulta la comparación entre estudios y el consenso científico sobre el tema.

Palabras clave: Teoría de la Mente; preescolar; relaciones madre-hijo.

1. Introdução

A relação com os pais é, geralmente, a primeira interação da criança, servindo de base na criação de regras de convivência e o modo de como se relacionar com o mundo externo, contribuindo assim para o desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil. Implementação de cotidiano e rotina, hábitos de leituras para as crianças e auxílio no aprendizado escolar são vivências que contribuem para o desenvolvimento de habilidades como regulação emocional e ajustamento social (Mejah et al., 2019). Dentre os elementos da interação pais-criança, a narrativa parental tem emergido como elemento fundamental para o desenvolvimento infantil (Alves & Martins, 2021).

Mães que frequentemente envolvem seus filhos em atividades de contação de histórias e discussões sobre eventos passados criam um ambiente rico em estímulos cognitivos e emocionais, e é nesse diálogo com a diáde que a criança desenvolve sua compreensão sociocognitiva. A compreensão do impacto da fala parental e, especialmente, da fala materna, no desenvolvimento infantil tem sido foco de estudos nacionais e internacionais (Leyva et al., 2021; Murray et al., 2014). Especificamente, o impacto da narrativa parental na habilidade de Teoria da Mente infantil (ToM) tem sido documentado. Estudos indicam que trabalhar com conteúdo mentais e socioemocionais durante atividades de leitura compartilhada auxiliam no desenvolvimento da ToM e compreensão socioemocional em crianças entre três e seis anos de idade (Peterson & Slaughter, 2003).

A ToM é um construto teórico utilizado para designar a capacidade dos indivíduos de compreender e inferir estados mentais, desejos e intenções de si mesmo e dos outros indivíduos (D'Iorio et al., 2024), habilidade de suma importância para o funcionamento social, cognitivo e emocional. Em interações sociais, a ToM permite que os indivíduos antecipem e respondam adequadamente ao comportamento de outros (Devine et al., 2016). Esta habilidade de compreender os estados mentais de outras pessoas está fortemente associada à empatia, regulação emocional e comportamentos pró-sociais (Harari & Weinstock, 2021).

A ToM também possui relações bidirecionais com o desenvolvimento da comunicação e linguagem (Cardillo et al., 2020). Sua conexão com a linguagem se dá por processos cognitivos de ordem superior que ocorrem na aquisição da linguagem como o raciocínio geral e compreensão da crença falsa a partir da aprendizagem de termos de estado mental (Nelson, 2005). Esses termos derivam de conceitos mentais culturais a partir do conhecimento de semântica e aquisição de significados abstratos de palavras, e se diferenciam de outras palavras por se referirem a elementos de processos psicológicos internos mutáveis, e não apenas uma descrição de comportamentos externos e características de um objeto (Bartsch & Wellman, 1995). O uso e entendimento dos termos de estado mental da criança é um processo gradual que começa com a apropriação desses termos em contextos que já foram utilizados por adultos, e exige o emprego de habilidades linguísticas e cognitivas (Ruffman et al., 2002). Pesquisas com foco na interação social mostram que conversas entre mãe e filho são um mecanismo chave através do qual as crianças aprendem sobre estados mentais (Ruffman et al., 2018). A criança necessita da figura de um adulto mediador utilizando esses termos para a construção do entendimento abstrato de estados internos como o de *saber* e *pensar* (Nelson, 2005).

Os estudos sobre narrativas maternas e ToM infantil se utilizam de variados sistemas de codificação dos termos linguísticos utilizados pelas mães. O presente estudo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática acerca dos elementos/termos do estado mental presentes nas narrativas maternas e seu impacto no desenvolvimento da ToM de crianças pré-escolares. As questões norteadoras foram: a) quais são os termos e categorias classificados como importantes para o desenvolvimento da teoria da mente; b) quais são as tarefas utilizadas para a produção da narrativa materna; c) quais são as tarefas utilizadas para medir a ToM infantil; e d) quais os principais resultados acerca do impacto da narrativa materna na ToM infantil.

2. Método

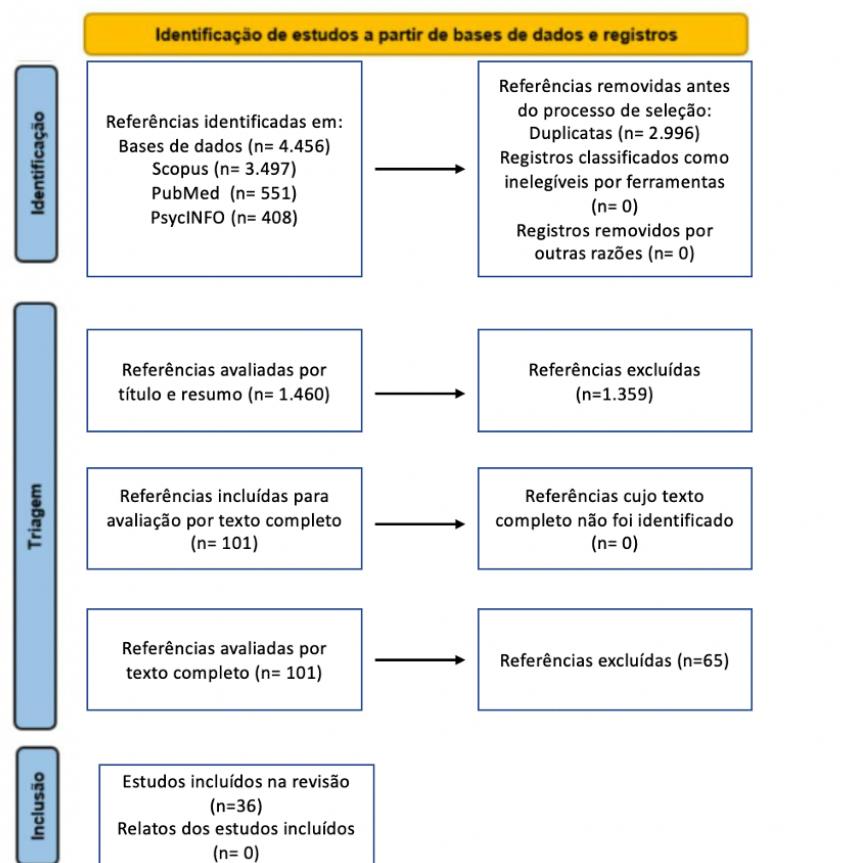
Este estudo consiste em uma revisão sistemática conduzida conforme as diretrizes do método PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis*) (Page et al., 2021). Foram incluídos nesta revisão:

(1) artigos empíricos; (2) publicados em português, inglês ou espanhol; (3) que apresentaram dados sobre avaliação dos elementos do estado mental presentes em narrativas maternas na Teoria da Mente infantil; (4) conduzidos com mães e seus filhos com idade pré-escolar (dos 3 aos 7 anos de idade). Os critérios de exclusão do estudo foram: (1) estudos não apresentarem o método que avaliaram os elementos do estado mental da narrativa materna no desenvolvimento da ToM; (2) estudos qualitativos (3) estudos somente com crianças ou mães atípicas, sem inclusão de grupo controle.

A busca ocorreu via acesso remoto em 20 de abril de 2023 e foi refeita em 02 de maio de 2023, nas bases de dados Scopus, PubMed e PsycInfo, com os descritores indexados no DeCS/Mesh e de palavras-chave relevantes para o tema que não estavam indexadas. As sintaxes utilizadas foram (*narration OR mental state talk OR social understanding OR mental states terms OR mental state*) AND (*mother-child relations OR parent-child relations OR mother OR talk OR conversation*) AND (*child development OR cognition OR mental process OR theory of mind OR executive functions OR language development*).

Segundo as recomendações PRISMA, a pesquisa foi dividida em quatro fases: identificação, seleção/triagem, elegibilidade e inclusão (Page et al., 2021). A seleção dos estudos incluídos envolveu três avaliadoras. Duas selecionaram de forma independente os estudos potencialmente elegíveis e uma terceira para decisão em caso de não consenso. Para a realização desta etapa da revisão foi utilizada a plataforma *Rayyan* (Ouzzani et al., 2016). A Figura 1 apresenta o fluxograma. Inicialmente um total de 4.456 artigos foram encontrados. Ao total, foram lidos na íntegra e selecionados 36 artigos.

Figura 1 - Fluxograma da identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos artigos



Fonte: Autoras (2025).

Foram consideradas categorias de análise descritivas dos artigos: o ano de publicação, país onde estudo foi realizado, o idioma falado e o delineamento. Também foram categorias: a característica da amostra participante infantil e a característica da amostra adulta, os instrumentos/tarefas para avaliar a narrativa materna, os instrumentos/tarefas utilizados para avaliar a teoria da mente (ToM), o sistema de codificação da narrativa materna e os principais resultados relacionados com a ToM. Em relação a amostra, foi levada em consideração o n total do estudo, a idade da amostra participante infantil e se havia grupos de comparação utilizados.

O risco de viés analisado foi conforme recomendação do método PRISMA (Page et al., 2021) (<http://www.prisma-statement.org/>). Para a verificação de qualidade dos estudos incluídos na revisão, foram aplicadas duas ferramentas de avaliação crítica do Joanna Briggs Institute (JBI), uma era uma escala com checklist para estudos com delineamento transversal e a outra era uma escala com checklist para estudos com delineamento longitudinal, cada um aplicado de acordo com o seu delineamento. A orientação dos autores para a aplicação das ferramentas não menciona ponto de corte, porém orientam que os avaliadores tenham critérios para a classificação de qualidade metodológica “Alta”, “Moderada” e “Baixa” (Moola et al., 2020). As opções de resposta para cada pergunta de avaliação são: “Sim”, “Não”, “Não está claro” e “Não se aplica”. Na avaliação dos estudos transversais foram aplicadas oito perguntas, sendo classificados como “Alta” qualidade aqueles com respostas “sim” 7 ou mais vezes, “Moderada” de 6 a 4, e “Baixa” abaixo de 4. Já os estudos longitudinais foram avaliados por onze questões e classificados como “Alta” qualidade a partir de 9 respostas “sim”, “Moderada” de 8 a 5, e “Baixa” abaixo de 5. A qualidade do estudo foi dada por duas juízas que avaliaram de forma independente e uma terceira juíza avaliou quando houve discrepâncias. A pontuação de cada artigo está descrita na Tabela 1.

3. Resultados

3.1 Resultados descritivos

No total, foram selecionados 36 artigos que investigaram os termos do estado mental nas narrativas maternas e seu impacto no desenvolvimento da ToM das crianças em idade pré-escolar, sendo que cinco artigos relataram dados de dois estudos em um mesmo artigo. Características a respeito de autoria, ano, local realizado, idioma avaliado e tipo de delineamento dos artigos são descritas na Tabela 1.

Tabela 1 – Dados descritivos dos estudos incluídos

| N | Nome do artigo | Ano de Publicação | Autores | País onde estudo foi realizado | Idioma falado no estudo | Delineamento | Escala de qualidade JBI |
|---|--|-------------------|-----------------------------------|--------------------------------|-------------------------|--------------|-------------------------|
| 1 | Mother-child participation in conversation about the past: Relationships to preschoolers' theory of mind. | 1997 | Welch-Ross, M. | Estados Unidos | inglês | Transversal | 4/8 |
| 2 | The social context of developments in theory of mind and communicative competence: Evidence from mother-child conversations with children with autism, Asperger syndrome, specific language impairment, and normal development | 2000 | Ziatas, K.; Durkin, K.; Pratt, C. | Australia e Inglaterra | Inglês (induzido) | Transversal | 6/8 |
| 3 | The relation between children's and mothers' mental | 2002 | Ruffman, T.; Slade, L.; Crowe, E. | Reino Unido | Inglês Britânico | Longitudinal | 6/11 |

| | | | | | | | |
|----|---|------|---|----------------|------------------|-----------------------|--------------------|
| | state language and theory-of-mind understanding. | | | | | | |
| 4 | Maternal mind-mindedness and attachment security as predictors of theory of mind understanding | 2002 | Meins, E.; Fernyhough, C.; Wainwright, R.; Das Gupta, M.; Fradley, E.; Tuckey, M. | Reino Unido | Inglês Britânico | Longitudinal | 8/11 |
| 5 | Opening windows into the mind: Mothers' preferences for mental state explanations and children's theory of mind. | 2003 | Peterson, C.; Slaughter, V. | Austrália | Inglês | Transversal (E1 e E2) | E1: 6/8 E2: 5/8 |
| 6 | Parent-child picture-book reading, mothers' mental state language and children's theory of mind | 2005 | Adrian, J.; Clemente, R.; Villanueva, L.; Rieffe, C. | Espanha | Espanhol | Transversal | 6/8 |
| 7 | A Longitudinal Study of Belief and Desire State Discourse During Mother-Child Play and Later False Belief Understanding. | 2006 | Symons, D.; Fossum, K.; Collins, T. | Não descrito | Não descrito | Longitudinal | 6/11 |
| 8 | What mothers say and what they do: The relation between parenting, theory of mind, language and conflict/cooperation. | 2006 | Ruffman, T.; Slade, L.; Devitt, K.; Crowe, E. | Reino Unido | Inglês Britânico | Longitudinal | 5/11 |
| 9 | Relations Between Maternal Input and Theory of Mind Understanding in Deaf Children. | 2006 | Moeller, M.; Schick, B. | Não descrito | Inglês | Transversal | 7/8 |
| 10 | Mind What Mother Says: Narrative Input and Theory of Mind in Typical Children and Those on the Autism Spectrum. | 2007 | Slaughter, V.; Peterson, C.; Mackintosh, E. | Não descrito | Inglês | Transversal (E1 e E2) | E1: 5/8 E2: 7/8 |
| 11 | Mothers' use of cognitive state verbs in picture-book reading and the development of children's understanding of mind: a longitudinal study | 2007 | Adrián J.; Clemente R.; Villanueva L. | Espanha | Espanhol | Longitudinal | 5/11 |
| 12 | Attachment, parent-child discourse and theory-of-mind development. | 2008 | Ontai, L.; Thompson, R. | Não descrito | Não descrito | Transversal | 4/8 |
| 13 | Conversational correlates of children's acquisition of mental verbs and a theory of mind | 2008 | Howard, A.; Mayeux, L.; Naigles, L.; LaBounty, J.; Wellman, H.; Olson, S.; Lagattuta, K.; Liu, D. | Estados Unidos | Inglês | Transversal | 6/8 |
| 14 | Mothers' and fathers' use of internal state talk with their young children | 2008 | Randell, A.; Peterson, C. | Estados Unidos | Inglês | Longitudinal | 7/11 |
| 15 | Affective qualities of sibling disputes, mothers' conflict attitudes, and children's theory of mind development | 2009 | Nelson, P.; Adamson, L.; Baker, R. | Austrália | Inglês | Transversal | 7/8 |
| 16 | The Developmental Progression of Understanding of Mind during a Hiding Game | 2012 | Não descrito | Não descrito | Longitudinal | 5/11 | |

| | | | | | | | |
|----|--|-------------|---|---------------------------------------|--|--------------------------------------|------------------|
| 17 | The roles of maternal mind-mindedness and infant security of attachment in predicting preschoolers' understanding of visual perspective taking and false belief From talk to thought: Strength of ethnic identity and caregiver mental state talk predict social understanding in preschoolers. | 2014 | Laranjo, J.; Bernier, A.; Meins, E.; Carlson, S. | Canadá | Inglês | Longitudinal | 7/11 |
| 18 | Mental terms in the context of telling stories and children's theory of mind | 2015 | Taumoepeau, Mele; de Araujo, G.; Sperb, T.; Bittencourt, H. | Nova Zelândia | Inglês, Maior - e as línguas regionais | Longitudinal | 7/11 |
| 19 | Callous-unemotional traits and impulsivity: Distinct longitudinal relations with mind-mindedness and understanding of others From the external to the internal: Behavior clarifications facilitate theory of mind (ToM) development in Chinese children | 2016 | Centifanti, L.; Meins, E.; Fernyhough, C. Liu, Y.; Wang, Y.; Luo, R.; Su, Y. | Brasil China | Português (do Brasil) Mandarim | Longitudinal | 6/11 |
| 20 | Links among parents' mental state language, family socioeconomic status, and preschoolers' theory of mind development | 2016 | Ebert, S.; Peterson, C.; Slaughter, V.; Weinert, S. | Alemanha e Austrália | Alemão e Inglês | Longitudinal | 9/11 |
| 21 | Mothers' and Children's Story-Telling: A Study of Dyads with Typically Developing Children and Children with ASD | 2016 | Hutchins, T.; De-raway, C.; Pre-lock, P.; O'Neill, A. | Estados Unidos | Inglês | Transversal | 8/8 |
| 22 | Mother-child conversation and social understanding in Pakistan. | 2017 | Nawaz, S.; Lewis, C. | Paquistão | Urdu (e também línguas regionais e dialetos) | Transversal (E1) e Longitudinal (E2) | E1: 3/8 E2: 5/11 |
| 23 | Maternal cognition talk in the mother-toddler dyad mediates the influence of early maternal emotional availability on preschoolers' belief reasoning. | 2018 | Kristen-Antownow, S.; Licata-Dandel, M.; Müller, M.; Sodian, B. | Alemanha (não descrita, mas induzida) | Alemão | Longitudinal | 7/11 |
| 24 | Association between theory of mind and mental state talk in preschoolers and later social competence and behaviour. | 2018 (2017) | Barreto, A.; Osório, A.; Baptista, J.; Fearon, P.; Martins, C. | Portugal | Português (de Portugal) | Longitudinal | 8/11 |
| 25 | Minding the children: A longitudinal study of mental state talk, theory of mind, and behavioural adjustment from the age of 3 to 10. | 2018 | Carr, A.; Slade, L.; Yuill, N.; Sullivan, S.; Ruffman, T. | Não descrito | Não descrito | Longitudinal | 8/11 |
| 26 | Maternal depression and children's false belief understanding. | 2019 | Shamblaw, A.; Benson, J.; Harkness, K.; Sabbagh, M. | Não descrito | Inglês | Transversal | 7/8 |

| | | | | | | | |
|----|--|------|---|----------------------------------|-------------------|-----------------------|--------------------|
| 29 | Let's talk: Parents' mental talk (not mind-mindedness or mind-dreading capacity) predicts children's false belief understanding. | 2019 | Devine, R.; Hughes, C. | Inglaterra | Inglês Britânico | Longitudinal | 9/11 |
| 30 | Cross-cultural differences in children's theory of mind in Iran and New Zealand: The role of caregiver mental state talk | 2019 | Taumoepeau, M.; Sadeghi, S.; Nobilo, A. | Nova Zelândia e Irã | Inglês e Farsi | Transversal | 7/8 |
| 31 | Parental mental-state talk and false belief understanding in Hong Kong children | 2020 | Chan, M.; Wang, Z.; Devine, R.; Hughes, C. | China | Cantonês | Transversal | 8/8 |
| 32 | The link between parental mental state talk and children's lying: An indirect effect via false belief understanding. Explaining the relation between early mind-mindedness and children's mentalizing abilities: The development of an observational preschool assessment. | 2021 | Ding, X.; Teo, S.; Tay, C. | Singapura | Inglês | Transversal | 7/8 |
| 33 | | 2022 | Fishburn, S.; Meins, E.; Fernyhough, C.; Centifanti, L.; Larkin, F. | Reino Unido | Inglês Britânico | Longitudinal | 8/11 |
| 34 | Parental mental state talk in two contexts: Parents' cognitive sentential complements are positively associated with children's theory of mind | 2022 | Tay, C.; Ding, X. | Singapura | Inglês | Transversal (E1 e E2) | E1: 7/8 E2: 5/8 |
| 35 | Theory of Mind and Parental Mental-State Talk in Children with CIs | 2023 | Pluta, A.; Krysztofiak, M.; Zgoda, M.; Wysocka, J.; Golec, K.; Gajos, K.; Dotyk, T.; Wolak, T.; Haman, M. | Não descrito | Polonês | Transversal | 8/8 |
| 36 | Not just quantity but also quality of language: Cross-cultural comparisons of maternal mental state talk in New Zealand, Australia, and China | 2023 | Kong, Q.; Mulvihill, A.; Slaughter, V.; Fraser, H.; Cavanagh-Welch, B.; Elwina, F.C.; Kang, J.; Ruffman, T. | Nova Zelândia, Australia e China | Inglês e mandarim | Transversal | 7/8 |

Fonte: Autoras (2025).

O artigo mais antigo encontrado foi em 1997 (Welch-Ross, 1997). Nove deles (25%) publicados nos últimos cinco anos (Shamblaw et al., 2019; Devine & Hughes, 2019; Taumoepeau et al., 2019; Chan et al., 2020; Ding et al., 2021; Fishburn et al., 2022; Tay & Ding, 2022; Pluta et al., 2023; Kong et al., 2023). A maior parte dos estudos (n=11, 30,55%) foram realizados no continente da Europa. Nove (25%) estudos (Symons et al., 2006; Moeller & Schick, 2006; Slaughter et al., 2006; Ontai & Thompson, 2008; Nelson et al., 2012; Centifanti et al., 2016; Carr et al., 2018; Shamblaw et al., 2019; Pluta et al., 2023) não descreveram o país em que foi realizado o procedimento de coleta de dados. Também não foram encontrados estudos realizados na África e na América Central.

Quanto ao idioma, maior parte ($n=22$, 61,11%; Welch-Ross, 1997; Ziazzas et al., 2000; Ruffman et al., 2002; Meins et al., 2002; Peterson & Slaughter, 2003; Ruffman et al., 2006; Moeller & Schick, 2006; Slaughter et al., 2006; Howard et al., 2008; LaBounty et al., 2008; Randel & Peterson, 2009; Laranjo et al., 2014; Taumoepeau, 2015; Ebert et al., 2017; Hutchins et al., 2017; Shamblaw et al., 2019; Devine & Hughes, 2019; Taumoepeau et al., 2019; Ding et al., 2021; Fishburn et al., 2022; Tay & Ding, 2022; Kong et al., 2023) foi realizado na língua inglesa, sendo que quatro (11,11%) desses investigaram também outro idioma (Taumoepeau, 2015; Ebert et al., 2017; Taumoepeau et al., 2019; Kong et al., 2023). Seis (16,66%) artigos não descreveram qual foi o idioma utilizado na realização do estudo (Symons et al., 2006; Ontai & Thompson, 2008; Nelson et al., 2012; Centifanti et al., 2016; Carr et al., 2018; Pluta et al., 2023).

3.2 Objetivos dos estudos

Dos 41 objetivos reportados nos estudos, 15 objetivos tinham como seu foco principal a investigação da relação direta entre os elementos do estado mental na narrativa materna e seu impacto no desenvolvimento da ToM (Ziazzas et al., 2000; Ruffman et al., 2002; Adrian et al., 2005; Symons et al., 2006; Moeller & Schick, 2006; Slaughter et al., 2006a; Slaughter et al., 2006b; Adrián et al., 2007; Howard et al., 2008; De Araújo et al., 2016; Nawaz & Lewis, 2018b; Chan et al., 2020; Ding et al., 2021; Tay & Ding, 2022a; Tay & Ding, 2022b), enquanto 12 também incluíram outras variáveis nessa relação (Meins et al., 2002; Ruffman et al., 2006; Ontai & Thompson, 2008; LaBounty et al., 2008; Laranjo et al., 2014; Liu et al., 2016a; Liu et al., 2016b; Ebert et al., 2017; Kristen-Antonow et al., 2018; Devine & Hughes, 2019; Taumoepeau et al., 2019; Pluta et al., 2023). Por fim, 14 apresentavam a narrativa materna no desenvolvimento da ToM, mas o foco e o desfecho principal do objetivo de estudo eram outras variáveis além destas (Welch-Ross, 1997; Peterson & Slaughter, 2003a; Peterson & Slaughter, 2003b; Randel & Peterson, 2009; Nelson et al., 2012; Taumoepeau, 2015; Centifanti et al., 2016; Hutchins et al., 2017; Nawaz & Lewis, 2018a; Barreto et al., 2018; Carr et al., 2018; Shamblaw et al., 2019; Fishburn et al., 2022; Kong et al., 2023).

3.3 Características da Amostra – Participantes Crianças

O número de crianças participantes dos estudos variou de $n=25$ (De Araújo et al., 2016) a $n= 271$ (Kong et al., 2023), sendo que em todos as amostras infantis incluíram meninas e meninos. Dos 36 artigos incluídos, 27,77% % ($n=10$) foram realizados com amostras comparativas: quatro com comparação de países e/ou culturas diferentes (Laranjo et al., 2014; Ebert et al., 2017; Taumoepeau et al., 2019; Kong et al., 2023), três com crianças autistas (Ziazzas et al., 2000; Slaughter et al., 2006; Hutchins et al., 2017), um com distúrbio de linguagem (Ziazzas et al., 2000), um com síndrome de Asperger (Ziazzas et al., 2000), um com deficientes auditivos (Moeller & Schick, 2006), um com deficientes auditivos com implantes cocleares (Pluta et al., 2023), e um que comparou se havia diferenças de sexo (Barreto et al., 2018). Ainda no que se refere a grupos comparativos 5,55% ($n=2$) estudos eram diretamente relacionados a amostra dos participantes adultos, sendo um estudo com filhos de mães com transtorno depressivo maior e sem o transtorno (Shamblaw et al., 2019) e um que comparava filhos de famílias com estrato sociodemográfico maior e menor (Ebert et al., 2017).

3.4 Características da Amostra – Participantes Adultos

A maioria da amostra adulta, 75% ($n=27$), foi composta somente mães (Welch-Ross, 1997; Ziazzas et al., 2000; Ruffman et al., 2002; Meins et al., 2002; Peterson & Slaughter, 2003; Adrian et al., 2005; Symons et al., 2006; Ruffman et al., 2006; Moeller & Schick, 2006; Slaughter et al., 2006; Adrián et al., 2007; Ontai & Thompson, 2008; Howard et al., 2008; Randel & Peterson, 2009; Nelson et al., 2012; Laranjo et al., 2014; De Araújo et al., 2016; Centifanti et al., 2016; Liu et al., 2016; Hutchins et al., 2017; Nawaz & Lewis, 2018; Kristen-Antonow et al., 2018; Carr et al., 2018; Shamblaw

et al., 2019; Fishburn et al., 2022; Kong et al., 2023) enquanto 25% (n= 9) dos estudos incluíram também outros cuidadores, sendo 19,44% (n=7) com mães e pais (LaBounty et al., 2008; Ebert et al., 2017; Devine & Hughes, 2019; Taumoepeau et al., 2019; Chan et al., 2020; Tay & Ding, 2022; Pluta et al., 2023), 2,77% (n= 1) com mães, pais e avós (Ding et al., 2021) e 2,77% (n=1) com mães, pais e avós e tias (Taumoepeau, 2015).

3.5 Instrumentos e tarefas de avaliação da ToM

Os estudos variaram na quantidade de instrumentos e tarefas aplicados que mediam a ToM das crianças. Essa variação foi desde estudos que aplicaram um instrumento/tarefa para mensurar a ToM das crianças (n=8; Ziaztas et al., 2000; Peterson & Slaughter, 2003; Adrian et al., 2005; Slaughter et al., 2006; Taumoepeau, 2015; Hutchins et al., 2017; Kristen-Antonow et al., 2018; Pluta et al., 2023) até estudos que aplicaram baterias (n=28; Welch-Ross, 1997; Ruffman et al., 2002; Meins et al., 2002; Symons et al., 2006; Ruffman et al., 2006; Moeller & Schick, 2006; Adrián et al., 2007; Ontai & Thompson, 2008; Howard et al., 2008; LaBounty et al., 2008; Randel & Peterson, 2009; Nelson et al., 2012; Laranjo et al., 2014; De Araújo et al., 2016; Centifanti et al., 2016; Liu et al., 2016; Ebert et al., 2017; Nawaz & Lewis, 2018; Barreto et al., 2018; Carr et al., 2018; Shamblaw et al., 2019; Devine & Hughes, 2019; Taumoepeau et al., 2019; Chan et al., 2020; Ding et al., 2021; Fishburn et al., 2022; Tay & Ding, 2022; Kong et al., 2023), o maior número de instrumentos/tarefas foi nos estudos (Slaughter et al., 2006; De Araújo et al., 2016; Ding et al., 2021) com seis tarefas dentro de uma mesma bateria e tempo. Nos estudos longitudinais, foi levado em consideração o número de instrumentos/tarefas por tempo e não a soma total. Com relação à forma de avaliação da ToM das crianças, apenas dois artigos avaliaram a partir de questionário parental (Hutchins et al., 2017; Pluta et al., 2023) e os demais foram aplicados na criança. Dentre os autores e estudos utilizados para os instrumentos na avaliação da ToM, os mais citados foram Wimmer e Perner (1983; n= 13; Ruffman et al., 2002; Meins et al., 2002; Adrian et al., 2005; Symons et al., 2006; Ruffman et al., 2006; Moeller & Schick, 2006; Adrián et al., 2007; Ontai & Thompson, 2008; Howard et al., 2008; Liu et al., 2016; Ebert et al., 2017; Nawaz & Lewis, 2018; Shamblaw et al., 2019). Em relação ao tempo de aplicação da avaliação da narrativa materna e a ToM, cinco artigos aplicaram seus instrumentos/tarefas em momentos diferentes (Meins et al., 2002; Symons et al., 2006; Laranjo et al., 2014; Centifanti et al., 2016; Barreto et al., 2018), ou seja, em um tempo foi feita a avaliação da narrativa enquanto a ToM da criança foi medida em outro tempo posterior.

3.6 Características dos instrumentos e tarefas para avaliar a narrativa materna

No que diz respeito aos instrumentos e tarefas utilizados para avaliar os elementos da narrativa materna, 28 artigos utilizaram somente um instrumento/tarefa, enquanto seis artigos utilizaram dois instrumentos/tarefas e um artigo utilizou quatro instrumentos/tarefas, totalizando assim, 44 instrumentos/tarefas encontrados. Destas 44, treze foram tarefas de leitura compartilhada de livros (Adrian et al., 2005; Slaughter et al., 2006; Adrián et al., 2007; LaBounty et al., 2008; De Araújo et al., 2016; Liu et al., 2016; Kristen-Antonow et al., 2018; Barreto et al., 2018; Shamblaw et al., 2019; Devine & Hughes, 2019; Ding et al., 2021; Tay & Ding, 2022; Pluta et al., 2023), oito com tarefa de compartilhamento de fotografias/figura (Ruffman et al., 2002; Ruffman et al., 2006; Moeller & Schick, 2006; Taumoepeau, 2015; Hutchins et al., 2017; Carr et al., 2018; Taumoepeau et al., 2019; Kong et al., 2023), seis utilizaram de momentos de brincadeira livre (Meins et al., 2002; Moeller & Schick, 2006; Howard et al., 2008; Laranjo et al., 2014; Centifanti et al., 2016; Fishburn et al., 2022), seis foram com brincadeira livre com brinquedos (Ziaztas et al., 2000; Symons et al., 2006; Moeller & Schick, 2006; Laranjo et al., 2014; Kristen-Antonow et al., 2018; Devine & Hughes, 2019), dois com observação em setting naturalístico da rotina (Welch-Ross, 1997; Nawaz & Lewis, 2018), dois com o inventário Maternal Mental State Input (Peterson & Slaughter, 2003; Ebert et al., 2017) e os seguintes tiveram apenas um artigo: conversa sobre eventos passados (Ontai & Thompson, 2008), diário escrito (Randel & Peterson, 2009), jogo de esconder brinquedos (Nelson et al., 2012), entrevista com as mães através de uma interação lúdica com roteiro (Fishburn et al.,

2022), jogo de quebra-cabeças (Tay & Ding, 2022), debate sobre cenas filmes (Moeller & Schick, 2006), e jogo de memória (Howard et al., 2008).

3.7 Características dos sistemas de codificação

Para a codificação do conteúdo da narrativa materna, os estudos se basearam em diferentes sistemas de codificação, que variaram de acordo com os autores utilizados e o tipo de conteúdo que foi pontuado. Os autores de sistemas já existentes mais citados foram de Ruffman e colaboradores (2002; Symons et al., 2006; Taumoepeau, 2015; Liu et al., 2016; Carr et al., 2018; Shamblaw et al., 2019; Taumoepeau et al., 2019), de Bartsch e Wellman (1995; Ruffman et al., 2002; Ruffman et al., 2006; LaBounty et al., 2008; Taumoepeau, 2015; Kong et al., 2023), de Slaughter e colaboradores (2007; Liu et al., 2016; Ding et al., 2021; Tay & Ding, 2022) e de Shatz (1983; Moeller & Schick, 2006; Randel & Peterson, 2009). Sete artigos não referenciam sistemas prévios e/ou os autores (Peterson & Slaughter, 2003; Slaughter et al., 2006; Ontai & Thompson, 2008; Howard et al., 2008; De Araújo et al., 2016; Centifanti et al., 2016; Barreto et al., 2018).

Em relação aos conteúdos avaliados dos elementos do estado mental, os sistemas de codificação tiveram grande variação entre as categorias dos elementos. Entretanto, a classificação mais frequente dos elementos dos termos do estado mental era as seguintes categorias: cognição, desejo e emoção (sentimentos/afeto). Doze (33,33%) artigos utilizaram na sua classificação estas três categorias juntas (Adrian et al., 2005; Symons et al., 2006; LaBounty et al., 2008; Taumoepeau, 2015; Liu et al., 2016; Hutchins et al., 2017; Nawaz & Lewis, 2018; Barreto et al., 2018; Devine & Hughes, 2019; Taumoepeau et al., 2019; Chan et al., 2020; Pluta et al., 2023). Enquanto os outros 24 artigos (66,66%) (Welch-Ross, 1997; Ziaztas et al., 2000; Ruffman et al., 2002; Meins et al., 2002; Peterson & Slaughter, 2003; Ruffman et al., 2006; Moeller & Schick, 2006; Slaughter et al., 2006; Adrián et al., 2007; Ontai & Thompson, 2008; Howard et al., 2008; Randel & Peterson, 2009; Nelson et al., 2012; Laranjo et al., 2014; De Araújo et al., 2016; Centifanti et al., 2016; Ebert et al., 2017; Kristen-Antonow et al., 2018; Carr et al., 2018; Shamblaw et al., 2019; Ding et al., 2021; Fishburn et al., 2022; Tay & Ding, 2022; Kong et al., 2023) utilizaram classificações diferentes desta, que poderia incluir algumas destas categorias ou todas, bem como também poderiam incluir outros conteúdos de codificação, gerando novas categorias.

3.8 Resultados dos estudos

Quanto aos resultados dos artigos, o objetivo desta revisão era identificar o impacto dos elementos do estado mental da narrativa materna no desenvolvimento da ToM das crianças, logo, o foco foi analisar o que os artigos trouxeram de dados desta relação. A maior parte dos artigos ($n=23$) encontraram alguma associação entre todos ou algum dos elementos do estado mental presentes na narrativa materna e o desenvolvimento da ToM da criança. Importante salientar que alguns artigos entraram em mais de uma categoria de acordo de como os dados foram analisados e interpretados, e nesse sentido, tiveram 25 resultados encontrados com associação positiva (Welch-Ross, 1997; Ziaztas et al., 2000; Ruffman et al., 2002; Meins et al., 2002; Peterson & Slaughter, 2003; Adrian et al., 2005; Symons et al., 2006; Ruffman et al., 2006; Slaughter et al., 2006; Adrián et al., 2007; Howard et al., 2008; Randel & Peterson, 2009; Nelson et al., 2012; Laranjo et al., 2014; De Araújo et al., 2016; Centifanti et al., 2016; Ebert et al., 2017; Barreto et al., 2018; Carr et al., 2018; Shamblaw et al., 2019; Taumoepeau et al., 2019; Chan et al., 2020; Ding et al., 2021; Tay & Ding, 2022; Pluta et al., 2023) e cinco resultados com associação negativa (Welch-Ross, 1997; Ziaztas et al., 2000; LaBounty et al., 2008; Ebert et al., 2017; Pluta et al., 2023). Já treze resultados (Meins et al., 2002; Moeller & Schick, 2006; Ontai & Thompson, 2008; Taumoepeau, 2015; Liu et al., 2016; Hutchins et al., 2017; Nawaz & Lewis, 2018; Kristen-Antonow et al., 2018; Devine & Hughes, 2019; Chan et al., 2020; Fishburn et al., 2022; Pluta et al., 2023; Kong et al., 2023) não encontraram nenhuma associação.

A Tabela 2 traz os dados em relação aos objetivos, amostra (participantes crianças), amostra (participantes adultos) e instrumentos e testes para avaliar a teoria da mente infantil dos artigos incluídos nesta revisão. Já a Tabela 3 traz os dados sobre os instrumentos utilizados para avaliar a narrativa materna, os sistemas de codificação utilizados, e os resultados encontrados nos estudos relacionados com a narrativa materna e a ToM infantil.

Tabela 2 – Objetivos, amostra e instrumentos/testes para avaliar a ToM encontrados nos estudos

| N | Objetivo do estudo | Amostra - participantes crianças | Amostra - participantes cuidadores | Instrumentos e testes para avaliar a ToM |
|---|--|---|--|--|
| 1 | Explorar a relação entre as respostas das crianças a questões elaborativas das mães e sua compreensão da ToM. | N = 40 crianças | N= 40 mães | <u>Conteúdos Inesperados:</u> Gopnik & Astington, 1988; Perner, Leekam, & Wimmer, 1987. <u>Localização Equivocada:</u> Wimmer et al., 1988; Wimmer & Perner, 1983. <u>Identidade Equivocada:</u> Gopnik & Astington, 1988. |
| 2 | Examinar, no contexto das conversas entre mãe e filho, a importância da contribuição conversacional para o desenvolvimento da teoria da mente em crianças com autismo, síndrome de Asperger, SLI (Distúrbio Específico da Linguagem) e desenvolvimento normal. | N= 72 crianças (n= 12 autismo n= 12 SLI e n=12 desenvolvimento normal; e n=12 síndrome de Asperger, n=12 SLI e n=12 desenvolvimento normal) | N=72 mães | <u>Sally-Anne Task:</u> Baron-Cohen, Leslie, & Frith, 1985. |
| 3 | Examinar se a linguagem do estado mental das mães desempenha um papel causal no desenvolvimento da ToM das crianças. | T1: N=82 T2: N=79 T3: N= 72 crianças | T1: N=82 mães T2: N=79 mães T3: N= 72 mães | T1: <u>Teste de transferência de crenças falsas:</u> Wimmer e Perner, 1983; <u>Desejo-emoção:</u> Wellman e Woolley, 1990; <u>Emoção-situações:</u> Denham, 1986; T2: <u>Teste de transferência de crenças falsas:</u> Wimmer e Perner, 1983; <u>Conteúdos de outras crenças falsas:</u> Perner, Leekam e Wimmer, 1987; <u>Desejo-emoção:</u> Wellman e Woolley, 1990; <u>Desejo-ação:</u> Wellman e Bartsch, 1988. T3: <u>Teste de transferência de crenças falsas:</u> Wimmer e Perner, 1983; <u>Justificativa da transferência:</u> Wimmer e Mayring, 1998; Clements, Rustin e McCallum, 2000; <u>Conteúdos de outras crenças falsas:</u> Perner, Leekam e Wimmer, 1987; <u>Conteúdo de crença falsa sobre si; Ambiguidade; Desejo-ação:</u> Wellman e Bartsch, 1988 e <u>Desejos perversos:</u> Yuill, Perner, Pearson, Peerbhoy e Van Den Ende, 1996. |
| 4 | Investigar as relações entre o desenvolvimento da ToM das crianças e dois fatores sociais pré-existentes: a mentalidade materna precoce e a segurança do apego entre o bebê e a mãe. | T1: N=57 T2:N=57 T3 N=57 crianças | N=57 mães | T2: <u>Versão da tarefa de realidade de aparência:</u> Flavell, Flavell & Green, 1983. <u>Tarefa da caixa enganosa:</u> Hogrefe, Wimmer & Perner, 1986. T3: <u>Duas versões da Tarefa de transparência inesperada:</u> Wimmer & Perner, 1983. |
| 5 | E1: Avaliar as diferenças individuais entre as mães em suas preferências autorrelatadas para o uso | E1: N=61 E2: N=47 crianças | E1: N=61 mães E2: N=47 mães | E1: <u>Adaptação da brincadeira de fantoches "Sally-Anne" Task:</u> Baron-Cohen et al., 1985. E2: <u>Leitura</u> |

de linguagem mentalista em contextos explicativos simples versus elaborados, enquanto conversavam com seus filhos em idade pré-escolar em uma ampla variedade de situações de conversação cotidiana em casa. E2: Investigar a replicabilidade do estudo 1 com outra amostra.

Identificar variáveis dentro do contexto da leitura de livros ilustrados entre pais e filhos que estão associadas à compreensão de crenças falsas das crianças.

- 6 Examinar as relações de desenvolvimento entre o discurso do estado mental durante as interações lúdicas entre os pais e filhos quando as crianças tinham dois anos de idade e sua ToM por volta dos cinco anos de idade.

N=34 crianças N=34 mães

do olhar: Baron-Cohen, Campbell, Karmiloff-Smith, Grant e Walker, 1995.

- 7 Examinar como o discurso das mães sobre estados mentais se relaciona com o seu estilo parental geral e com as diferenças individuais na teoria da mente das crianças e nas tendências para cooperar ou entrar em conflito com os seus pares.

T1: N = 43 T2: N = 43 crianças N= 43 mães

Tarefa de transferência inesperada de Wimmer & Perner, 1983.

- 8 Examinar os aspectos sociolinguísticos das conversas entre mães ouvintes e seus filhos surdos que utilizam a linguagem de sinais, a fim de compreender os papéis únicos da linguagem e da exposição à linguagem no desenvolvimento da compreensão de falsas crenças das crianças.

T1: N= 55 T1: N= 55 crianças N= 55 mães

T2: seis tarefas inesperadas de identidade e conteúdo: por exemplo, a tarefa Smarties: Gopnick e Astington, 1998 e cinco tarefas de localização alteradas – tarefas de Sally-Anne e Maxi: Symons, McLaughlin, Moore e Morine, 1997; Wimmer e Perner, 1983.

- 9 E1: avaliar as crenças falsas de crianças em idade pré-escolar em relação ao uso de conversa esclarecedora (explicativa, causal e ou contrastiva) por parte de suas mães sobre estados mentais em comparação a conversas simples das mães sobre estados mentais. E2: avaliar a entrada do estado mental materno e o desempenho da ToM em crianças típicas e crianças diagnosticadas com transtorno do espectro autista.

N = 48 crianças (n=22 crianças não ouvintes; n= 26 crianças com audição normal) N= 48 mães

T1: Tarefa de transferência de crenças falsas: Wimmer and Perner, 1983; Tarefa de desejo-emoção: Wellman e Woolley, 1990; Tarefa de situações emocionais – Denham (1986) T2: Tarefa desejo-acção: Wellman e Bartsch, 1988; Tarefa de conteúdo de crenças falsas: Perner, Leekam e Wimmer, 1987; Tarefa dos desejos perversos: Yuill, Perner, Pearson, Peerbhoy e Van Den Ende, 1996; Tarefa da ambiguidade: Taylor, 1988.

Tarefa de conteúdo inesperado: Perner et al, 1983, Transferência inesperada: Wimmer e Perner, 1983 adaptado Gale et al, 1996 adaptado e Tarefa com 6 cartoons: Villers et al, 2000, que mostravam cenas de objetos sendo colocados em lugares errados, e aí os participantes tinham que prever se o personagem ficaria surpreso.

E1: teste padrão de crenças falsas baseado no Sally-Anne task: Baron-Cohen, Leslie e Frith, 1985. E2: teste padrão de crenças falsas baseado no Sally-Anne task: Baron-Cohen, Leslie e Frith, 1985; tarefa padrão de conteúdo enganoso: Gopnik e Slaughter, 1991, tarefa de tomada de perspectiva de nível 1: Flavell, Everett, Croft e Flavell, 1981, tarefa de tomada de perspectiva de nível 2 e tarefa de tomada de perspectiva de desejo.

| | | | | |
|----|--|---|---|--|
| | | | | T1: Tarefa de transferência inesperada: Wimmer & Perner, 1983 e Tarefa de conteúdo de crença falsa: Perner, Leekam & Wimmer, 1987. T2: Tarefas de "mentira branca" e ironia de "Histórias estranhas": Happé, 1994 e Tarefa de deceção: Peskin, 1992. |
| 11 | Examinar as relações entre a conversa mental das mães e a compreensão dos estados mentais das crianças e analisar vários aspectos da contribuição materna considerados críticos para ajudar as crianças a desenvolverem-se. | T1: N=41 T2: N=37 crianças | T1: N=41 mães T2: N=37 mães. | |
| 12 | Examinar a influência do discurso elaborativo materno no contexto das referências aos estados mentais maternos e a segurança do apego no desempenho das crianças em tarefas de tom. | N= 78 crianças | N= 78 mães | Tarefa de localização inesperada: Wimmer e Perner, 1983, Tarefa de atribuição de emoção: Harris et al., 1989, Duas tarefa de atribuição de emoção: Harris et al., 1989 |
| 13 | Examinar detalhadamente as maneiras como as mães usam os verbos mentais em conversas com crianças de três e quatro anos de idade vinculando esses usos ao desenvolvimento da compreensão das crianças sobre os verbos mentais e a uma teoria da mente. | N=60 crianças (n= 32 crianças frequentavam escola n= 28 não frequentavam) | N=60 mães | Tarefa para compreensão da distinção entre pensar, saber e adivinhar adaptada: Moore et al., 1989, Tarefa para avaliar a compreensão de verbos mentais: Tager-Flusberg, 2000, Tarefa de conteúdo inesperado: Perner, Leekam & Wimmer, 1987 e Tarefa de mudança de local: Wimmer & Perner, 1983. |
| 14 | Analizar influências dos pais nas formas de cognição social (compreensão emocional e teoria da mente). | T1: N=106 T2: N=106 crianças | T1: N=106 mães e pais. T2: N=106 mães e pais. | T1 e T2: Tarefas de raciocínio crença-desejo: Bartsch & Wellman: 1989. |
| 15 | Explorar as possíveis associações entre a compreensão da crença falsa da criança e as qualidades emocionais de suas disputas fraternas, incluindo as emoções positivas e negativas expressadas durante elas, e os sentimentos momentos após a disputa. | N=54 crianças | N=54 mães | Tarefa na mudança de localização "Sally-Anne" (Leslie, and Frith's 1985); Tarefas da caixa enganosa (Perner, Frith, Leslie, & Leekam, 1989); Tarefa de falsa crença de identidade enganosa (Gopnik & Astington, 1988) e Tarefa de crença falsa explícita (Wellman & Liu, 2004) |
| 16 | Captar como as crianças usavam a sua compreensão da mente enquanto interagiam com seus cuidadores. | T6: N=52 T7: N= 52 T8: N= 52 crianças | N= 52 mães | T6, T7 e T8: Tarefa de jogo de esconder: Tarefa de Mudança de Localização: Baron-Cohen, Leslie, & Frith, 1985, Tarefa de Contêiner Enganoso: Perner, Frith, Leslie, & Leekam, 1989, e Tarefa de mudança de aparência: Leekam & Perner, 1991. |
| 17 | Examinar a mentalidade mental materna e a segurança de apego em relação à teoria da mente das crianças aos 4 anos. | T1: N=59 T2: N=59 T3: N=59 T4: N=59 crianças | N=59 mães | T3: Tarefa de tomada de perspectiva: Carlson et al., 2004, Tarefas de desejos discrepantes: Repacholi & Gopnik, 1997. T4: Tarefa de conteúdo de falsas crenças: Carlson et al., 2004; Perner, Leekam & Wimmer, 1987; Gopnik & Astington, 1988, e Tarefa de percepção visual: Carlson et al., 2004; Flavell et al., 1981. |
| 18 | Examinar como a cultura promove um contexto para a compreensão da variação no uso de mental state language em famílias com crianças pré-escolares originárias das ilhas do Pacífico. | T1: N= 45 T2: N=45 T3: N=42 T4: N=37 T5: N=32 crianças | T1: N= 45. T2: N=45. T3: N=42. T4: N=37. T5: N=32 cuidadores (principal era a mãe, secundário maioria | T5: Tarefa de crença falsa com conteúdo de deceção: Ensor & Hughes, 2008. |

| | | | |
|----|--|---|--|
| | Quando um identifica com o grupo étnico do pacífico prediz a trajetória do uso de mental state language pelos cuidadores durante a primeira infância. | pais, uma avó e uma tia) | |
| 19 | Investigar a relação entre o uso de termos mentais pelas mães durante atividades de contação de histórias e o desempenho das crianças em tarefas que avaliam a Teoria da Mente (ToM). | N=25 crianças | N=25 mães |
| 20 | Investigar se a TOM da criança e compreensão emocional prediz <i>callous-unemotional traits</i> aos 10 anos. | T1: N=206 T2: N=161 T3: N=164 T4: N=96 crianças | T1: N=206 mães |
| 21 | E1 e E2: Investigar as relações entre o ambiente de linguagem e a ToM de crianças chinesas a fim de explorar mecanismos culturais específicos por trás do desenvolvimento da ToM dessas crianças. | E1: T1: N=60 T2=N=60 . E2: N=46 crianças | E1: N=60 mães E2: N=46 mães |
| 22 | Investigar como a inter-relação entre o estilo de linguagem mentalista dos pais e o desenvolvimento da ToM das crianças varia com o SES. | amostra alemã: T1: N=121 T2: N=121 T3: N=121 e amostra australiana: N=47 crianças | amostra alemã: N=121 pais e amostra australiana: N=47 mães |
| 23 | Descrever a conversa do estado mental de mães com crianças neurotípicas e crianças dentro do espectro autista. | N= 54 crianças (n =31 neurotípicos; n=23 TEA) | N= 54 mães |
| 24 | E1: Examinar se há atraso no desenvolvimento da compreensão social no Paquistão. E2: Examinar se o uso prévio da linguagem materna infantil na interação está relacionado à compreensão da criança sobre os estados mentais. | E1: N= 71 E2: T1: N= 35 e T2: N= 35 crianças | E1: sem a presença das mães E2: N=35 mães |
| 25 | Avaliar a disponibilidade emocional (EA) e a linguagem do estado mental materno (MSL) e se estão relacionados à compreensão de crenças falsas de primeira e segunda ordem nas crianças. | T1: N=83 T2: N=76 T3: N= 66 T4: N= 60 crianças | T1: N=83 T2: N=76. T3: N=66. T4: N=60 mães |
| | | | <p><u>Seis primeiras tarefas da escala:</u> Domingues, Valério, Pancieira, & Maluf, 2007.</p> <p><u>T2: Bateria de ToM baseada em:</u> Wellman e Liu, 2004.</p> <p><u>E1: Tarefa de transferência inesperada;</u> Wimmer & Perner, 1983 e a <u>Tarefa de conteúdos inesperados;</u> Hogrefe, Wimmer & Perner, 1986. <u>E2 = mesmas tarefas de E1 mais uma pergunta explicativa</u> (ex: "Porque Ming vai olhar ali?") amostra alemã: T1: <u>tarefa de acesso ao conhecimento</u>: Wellman e Liu, 2004, <u>tarefa de crença falsa de conteúdo inesperado</u>: Perner, Leekam e Wimmer, 1987. T2: <u>igual ao T1 + tarefa de crença falsa de local alterado</u>: Wimmer e Perner, 1983. T3: <u>tarefa de conteúdo inesperado</u>: Perner, Leekam e Wimmer, 1987 e <u>tarefa de crença falsa de segunda ordem</u>: Sullivan, Zaitchik e Tager-Flusberg, 1994 x amostra australiana: <u>tarefa de acesso ao conhecimento</u>: Wellman e Liu, 2004, <u>tarefa de crença falsa de conteúdo inesperado</u>: Perner, Leekam e Wimmer, 1987 e <u>duas tarefas de local alterado</u>: Wimmer e Perner, 1983.</p> <p><u>Inventário de Teoria da Mente - ToMI:</u> Hutchins et al. 2009, 2012.</p> <p><u>E1 e E2: Tarefas de pretensão, desejo e crença;</u> Lillard e Flavell, 1992; <u>Tarefa da caixa enganadora</u>: Perner, Leekam e Wimmer, 1987 e <u>Tarefa de transferência inesperada</u>: Wimmer, Perner, 1983.</p> <p><u>T3: Avaliação da tarefa de crença falsa de primeira ordem;</u> <u>Tarefa de conteúdo e localização (explícita)</u>: Wellman e Liu, 2004; versão alemã Hofer e Aschersleben, 2007</p> <p><u>T4: Avaliação da tarefa de crença falsa de segunda ordem;</u> <u>Tarefa consistia em um conto</u></p> |

| | | | | |
|----|--|---|---|--|
| | | | | acompanhado de imagens: Sullivan, Zaitchik e Tager- Flusberg, 1994. |
| 26 | Investigar a existência de associações longitudinais entre ToM e competência social e comportamento enquanto explora possíveis diferenças de gênero. | T1: N= 73 T2: N= 73 crianças | T1: N= 73 mães | T2: <u>Tarefas de crença falsa da escala ToM</u> : Wellman e Liu, 2004; e <u>2 tarefas adicionais de crença falsa</u> : Hughes et al., 2000. |
| 27 | Examinar a estabilidade da conversa de estado mental nas mães e crianças do início ao fim da infância. | T1: N=82 T2: N=79 T3: N=72 T4: N=53 crianças | T1= N=82 mães T2: N= 79, T3: N=72, T4: N=53 | T1: <u>Tarefa de Translocação de Falsas Crenças</u> : Wimmer & Perner, 1983, <u>Tarefa de Desejo-Emoção</u> : Wellman & Woolley, 1990, <u>Tarefa de Emoções-Situações</u> : Denham, 1986. T2: <u>Tarefa de Translocação de Falsas Crenças</u> : Wimmer & Perner, 1983, <u>Tarefa de Conteúdos de Falsas Crenças</u> : Perner, Leekam & Wimmer, 1987, <u>Tarefa de Desejo-Ação</u> : Wellman & Bartsch, 1988. T3: <u>Tarefa de Translocação de Falsas Crenças</u> : Wimmer & Perner, 1983, <u>Tarefa de Conteúdos de Falsas Crenças</u> : Perner, Leekam & Wimmer, 1987, <u>Tarefa de Desejo-Ação</u> : Wellman & Bartsch, 1988, <u>Tarefa de Ambiguidade</u> : Taylor, 1988, <u>Tarefa de Desejos Perversos</u> : Yuill et al., 1996. T4: <u>Tarefa de Histórias Estranhas</u> : Happé, 1994. <u>Tarefa de mudança da conteúdo</u> : Gopnik e Astington, 1988; Perner, Leekham e Wimmer, 1987, <u>Tarefa de mudança de local</u> : Wimmer e Perner, 1983, <u>Tarefa da aparência-realidade</u> : Flavell, Green e Flavell, 1986, <u>Tarefa do apontamento enganoso</u> : Carlson, Moses e Hix, 1998. |
| 28 | Examinar a relação de uma história de transtorno depressivo maior materno ao longo da vida com a compreensão de crenças falsas. | N= 63 crianças | N= 63 mães | T1: <u>Tarefa de mudança de local 1 e 2</u> : Perner, Mauer e Hildenbrand, 2011, <u>Tarefa de crença falsa de conteúdo inesperado</u> : Gopnik e Astington, 1988, <u>Tarefa de crença falsa de identidade inesperada</u> : Moerbeek, 1994). T2: <u>Tarefa de mudança de local 1 e 2</u> : Perner, Mauer e Hildenbrand, 2011, <u>Tarefa de crença falsa de segunda ordem</u> : Sullivan, Zaitchik, Tager-Flusberg, 1994, <u>Tarefa de emoções baseadas em crenças falsas</u> : Harris, Johnson, Hutton, Andrews e Cooke, 1989. |
| 29 | Elucidar as origens das diferenças individuais nas crenças falsas das crianças, examinando: (a) relações entre diferentes características parentais (isto é, mentalidade parental -MM, conversa sobre o estado mental – MST e capacidade da teoria da mente dos pais) associada às crenças falsas das crianças e (b) a singularidade e especificidade das suas relações de desenvolvimento com diferenças individuais posteriores nas crenças falsas das crianças. | T1: N= 117 . T2: N= 117 crianças | N= 117 pais | 5 tarefas validadas na escala de teoria da mente: Wellman e Liu, 2004. |
| 30 | Examinar o efeito das conversas entre pais e filhos sobre a mente nas diferenças interculturais no sequenciamento e no desempenho do conteúdo da teoria da mente. | N=120 (amostra iraniana: N= 60; amostra Nova Zelândia N=60) | N=120 pais (amostra iraniana: N=60 mães e amostra da Nova Zelândia N=60 pais) | <u>Tarefa de falsa crença de mudança de local</u> : Baron-Cohen et al., 1985; |
| 31 | Explorar o padrão da conversa sobre estado mental nos pais de | N=105 crianças | N=105 pais | |

| | | | |
|----|---|--|--|
| | Hong Kong e examinar se essa conversa está associada à compreensão de crenças falsas das crianças. | | Perner, Mauer, & Hildenbrand, 2011, <u>Tarefa de falsa crença de conteúdos inesperados: Gopnik & Astington, 1988; Tarefa de crença falsa de identidade inesperada: Hughes, 1998.</u> <u>Escala ToM composta por cinco componentes:</u> Wellman e Liu, 2004 e a <u>tradicional tarefa de crença falsa de mudança de local: Baron-Cohen e Leslie, 1985; Slaughter et al., 2007.</u> |
| 32 | Investigar se a conversa parental sobre o estado mental dos pais está associada ao ToM das crianças em ação (ou seja, mentindo). | N= 86 crianças | N= 86 cuidadores (84,9% mães, 14% pais e 1,2 % avós) |
| 33 | Desenvolver uma nova medida baseada na observação para avaliar a mentalidade mental dos cuidadores nos anos pré-escolares e investigar se esta medida poderia explicar a ligação entre os comentários iniciais apropriados relacionados com a mente das crianças e as capacidades posteriores de mentalização das crianças. E1 e E2: Examinar sistematicamente os papéis específicos dos termos mentais cognitivos dos pais e dos complementos sentenciais no desenvolvimento da teoria da mente (ToM) em crianças de 3 a 5 anos de idade. | T1: N=206 T2: N=171. T3: N=164 . T4: N=164 crianças | T1: N=206 mães T2: N=171. T3: N= 164. T4: N= 164 |
| 34 | Investigar a Teoria da Mente (ToM) e a disponibilidade de linguagem sobre termos de estado mental em crianças surdas com Implantes Cocleares (CIs), em comparação com seus pares com audição típica. | E1: N= 89 E2: N=84 crianças | E1: N= 89 pais E2: N=84 cuidadores (72 mães, 11 pais e 1 avô) |
| 35 | Comparar MST materno em questão de frequência e qualidade (variabilidade e valência) em mães chinesas vs ocidentais. | N= 91 (N=52 ouvintes e N=39 com Implante Coclear) crianças | N=91 pais |
| 36 | Explorar a relação entre as respostas das crianças a questões elaborativas das mães e sua compreensão da ToM. | N=271 (N=75 Nova Zelândia; N=60 australianas; e N=136 chinesas) crianças | N=271 mães |
| | | N = 40 crianças | N= 40 mães |

Fonte: Autores (2025).

Tabela 3 – Instrumentos para avaliar a narrativa materna, sistema de codificação, outras variáveis medidas e resultados entre a narrativa materna e a ToM encontrados nos estudos

| N | Instrumentos e tarefas para avaliar a narrativa | Sistema de Codificação da Narrativa | Resultados - narrativa e tom |
|---|---|---|--|
| 1 | <u>Observação em setting naturalístico</u> | Questões elaborativas; Afirmações elaborativas e Repetições | As conversas maternas elaborativas, especialmente declarações detalhadas, estão positivamente correlacionadas com a habilidade das crianças de raciocinar sobre representações mentais conflitantes, enquanto a repetição de |

2 Brincadeira livre com brinquedos

Taxonomia de Dore (1986): relatos internos, explicações, relato do estado interno de outra pessoa, identificações, descrições, avaliações, procedimentos, alegações do falante.

informações pelas mães tem uma correlação negativa com a compreensão das crianças sobre o conhecimento.

Mães de crianças com autismo, Asperger e SLI usaram significativamente menos asserções de estado interno. Crença falsa estava significativamente associada ao uso materno de descrições e explicações, reconhecimentos e clarificações, e perguntas retóricas. A compreensão da teoria da mente foi positivamente associada às perguntas das crianças que pediam razões e negativamente associada à captadores de atenção maternos, perguntas de escolha e sugestão de ação.

O uso que as mães fizeram de declarações de estado mental nos primeiros momentos foi correlacionado com a compreensão posterior da ToM, inclusive quando potenciais variáveis mediadoras foram levado em conta como: uso da linguagem de estado mental pelas próprias crianças, sua compreensão anterior a ToM, capacidade linguística, idade, educação das mães e outros tipos de declarações maternas. Os resultados também mostraram que a conversa sobre desejos precedeu a conversa sobre as crenças.

O desempenho em uma bateria de tarefas ToM aos 45 e 48 meses foi positivamente correlacionado com uso de linguagem de estado mental adequado pelas mães, mas não foi relacionado com uso de linguagem de estado mental não apropriado e segurança de apego. Uma análise de regressão mostrou que o uso de comentários apropriados sobre o estado mental pelas mães previu de forma independente o desempenho geral da ToM, representando 11% da variância. A habilidade verbal das crianças foi o único outro preditor independente do desempenho da ToM, representando 16% da variância.

Houve uma correlação significativa entre as pontuações de estado mental elaborado das mães e as pontuações de falsas crenças das crianças. As mães que eram mais a favor de explicar e elaborar conceitos de estado mental durante interações sociais espontâneas com seus filhos tendiam a ter filhos que estavam significativamente avançados na compreensão de falsas crenças em testes padrão. As preferências de conversação das mães foram os melhores preditores do desenvolvimento da ToM das crianças quando variáveis de controle relevantes foram incluídas.

Tanto a frequência de leitura de livros de histórias entre pais e filhos em casa quanto o uso de termos de estado mental pela mãe em tarefas de leitura de livros ilustrados foram significativamente associados ao sucesso em tarefas de ToM, depois de eliminar parcialmente uma série de mediadores potenciais (idade das

3 T1: Compartilhamento de fotografia/figura T2: 13 fotografias com uma carga emocional maior. T3: 13 novas fotografias similares ao T2

Enunciados de estado mental: desejo, emoção, modulações assertivas, verbos pensar e saber e outro estado mental – critérios de Bartsch e Wellman (1995) e Enunciados de não estado mental: descrições, elaborações do tema, conversa causal, conversal factual, links com a vida da criança, não sei, estado físico, orientações, repetições dos outros e repetições de si

4 T1: Brincadeira livre

Comentários com conteúdo de estado mental - critérios de Meins et al. (2001): conhecimento/pensamentos/desejo/interesse, processos mentais, referências ao nível de engajamento emocional, manipulação da crença das pessoas e mãe "botando palavras na boca da criança"

5 E1 e E2: Inventário de Dados de Estado Mental Materno (MMSII): criado para o estudo

Inventário MMSII: Estado mental elaborado (EMS), Estado não-mental elaborado (ENMS), Estado mental não elaborado (NEMS) e Estado não-mental não elaborado (NENMS)

6 Compartilhamento de livro

Codificação pelos critérios de Bretherton & Beeghly (1982): termos de estado cognitivo (pensar, saber, lembrar), estado emocional (feliz, triste, zangado), estado de desejo (querer, esperar) e estado de percepção (ver, olhar)

| | | | | |
|----|---|--|--|--|
| | | | | |
| 7 | T1: <u>Brincadeira livre com brinquedos</u> | Instâncias de linguagem de estado mental (estados cognitivos, de desejo e emocionais afetivos) com base em: Meins et al., 2003; Ruffman et al., 2002; Symons, Peterson, Slaughter, Roche e Doyle, 2005 | crianças, QI verbal, educação paterna e palavras utilizadas pelas mães na leitura conjunta de livros ilustrados). A frequência e variedade de termos cognitivos e emocionais correlacionaram-se positivamente com o desempenho de crenças falsas. | A linguagem sobre estados de desejo das mães, quando considerada apropriada para a atividade mental da criança, previa a ToM posterior da criança. Essa relação não foi afetada por outros fatores como linguagem infantil, status socioeconômico ou sensibilidade geral dos pais. A linguagem sobre estados cognitivos das mães não mostrou a mesma capacidade preditiva. ToM foi positivamente associada à linguagem apropriada do estado mental de desejo da mãe, em que as crianças tiveram pontuações mais altas de ToM. |
| 8 | T1: <u>Compartilhamento de fotografia/figura: 10 fotografias de pessoas envolvidas em situações comuns.</u> No T2: <u>13 novas imagens com situações mais carregadas de termos de emoção ou cognição</u> | Termos do estado mental - critérios de Bartsch e Wellman (1995): termos cognitivos pensar e saber, desejos, emoções, estados mentais gerais, modulações assertivas | A conversa inicial sobre o estado mental da mãe estava exclusivamente relacionada tanto com as medidas posteriores da teoria da mente como 2 das 4 medidas posteriores de conflito/cooperação. Conversa sobre estado mental materno foi preditor da teoria da mente posterior das crianças. | A exposição das crianças surdas a conversas sobre estados mentais durante interações de brincadeira com suas mães ouvintes está significativamente associada ao desempenho dessas crianças em tarefas verbais de ToM. Ao contrário, a quantidade geral de conversa materna e as conversas não relacionadas a estados mentais não tiveram impacto na compreensão de crenças falsas pelas crianças surdas. Para crianças ouvintes, não foi encontrada relação entre a conversa materna e a compreensão de crenças falsas, possivelmente devido à faixa etária restrita e ao desempenho no grupo de comparação. |
| 9 | <u>Brincadeira livre, brincadeira com brinquedos,</u> <u>Compartilhamento de fotografia/figura e cenas de filme</u> | Os termos relacionados a estados mentais com base em: Brown et al., 1996; Furrow et al., 1992; Shatz, Wellman, & Silber, 1983; Tager-Flusberg, 1992. Termo relacionado a estados mentais foi examinada para determinar se se referiam a estados mentais verdadeiros, de acordo com Shatz et al. (1983) se referindo aos próprios pensamentos, crenças ou estados de conhecimento, aos da criança ou de terceiros | E1: O desempenho da tarefa de ToM das crianças foi significativamente correlacionado com a fala explicativa, causal e contrastiva das mães sobre cognições, mas não as simples menções de cognição das mães. E2: o mesmo padrão foi encontrado em uma amostra mais velha com desenvolvimento típico enquanto para crianças do espectro autista, o desempenho da tarefa de ToM foi exclusivamente correlacionado com a conversa explicativa, causal e contrastiva das mães sobre emoções. | E1: Expressões mentalistas (Categorias: cognição simples, cognição clarificada, afeto simples, afeto clarificado, percepção simples, percepção clarificada e crença falsa final). E2: Expressões mentalistas e também aos estados mentais que ocorreram fora da narrativo do livro |
| 10 | E1: <u>Compartilhamento de livro</u> E2: <u>Compartilhamento de livro</u> | Verbos cognitivos computados - critérios de Bretherton & Beeghley (1982). Termos verbais cognitivos por três formas: codificação dos verbos pensar, saber e outros de atividade mental; avaliação dos sujeitos de tais verbos; e função dos verbos (perguntar, explicar ou outro) | Associação entre o uso geral da conversa mental pelas mães e a compreensão dos estados mentais das crianças em dois momentos. O uso precoce de verbos cognitivos pelas mães na leitura de livros ilustrados correlacionou-se com a compreensão posterior dos estados mentais pelos filhos. Os modelos de regressões mostraram que tanto os verbos cognitivos quanto o foco da referência desses verbos | |
| 11 | T1: <u>Compartilhamento de livro</u> T2: <u>compartilhamento de livro</u> | | | |

12 Conversa sobre o passado

Discurso elaborativo: categorias de elaboração, preencha o espaço em branco, avaliações, repetições, perguntas de esclarecimento, solicitações de memória e preferências. Discurso do estado mental: referências relacionadas à vontade, mente, imaginação, interesse, intelecto, desejos, vontades, emoções, excluindo gostos e desgostos e tendências comportamentais

para o estado mental das crianças foram preditores significativos da compreensão atual dos estados mentais das crianças.

13 Jogo da memória e brincadeira livre

Verbos mentais: pensar, saber, lembrar, adivinhar e esquecer, codificados em algumas classificações

Os resultados revelaram que a elaboração conversacional materna foi um preditor significativo do desempenho da ToM das crianças, enquanto as referências do estado mental materno e a segurança do apego não foram.

14 T1: Compartilhamento de livro

T1: Programa CLAN (MacWhinney, 1991) para palavras relacionadas a estados internos (emoção, crença/pensamento, desejo) - Critérios de Bartsch & Wellman, 1995; Brown & Dunn, 1991, 1996; Dunn et al., 1987; Dyer et al., 2000; Jenkins et al., 2003; Lagattuta & Wellman, 2002; Shatz & Gelman, 1973

Nas análises de regressão, o desempenho do verbo mental e da crença falsa das crianças foi positivamente previsto pelo verbo mental materno 1) perguntas e 2) enunciados de oração única; o desempenho das crianças foi previsto negativamente pelas afirmações.

Com relação às análises de correlação realizadas, nem as mães nem os pais falam sobre pensamentos ou desejos relacionados à compreensão atual das crenças das crianças. No entanto, o uso de palavras de emoções negativas pelos pais correlacionou-se significativamente com as pontuações do ToM. As referências das mães à emoção e à linguagem explicativa causal da emoção previam apenas a compreensão emocional simultânea da criança. O uso de linguagem explicativa causal pelos pais referente a desejos e emoções previu o ToM simultâneo e posterior dos filhos. Houve uma relação significativa entre ToM das crianças e a forma como as mães relatam e percebem os conflitos entre irmãos. O número de termos cognitivos usados nos diários das mães não influenciou a ToM das crianças ou as táticas de conflito das crianças.

As crianças progrediram ao longo dos anos pré-escolares sequencialmente na sua compreensão da mente, começando com o acesso ao conhecimento, seguido pela compreensão da decepção e, por fim, compreensão de crenças falsas. As mães tiveram um papel significativo na compreensão da mente, através de um ajuste sutil na interação. À medida que as crianças avançavam em sua compreensão, as mães adaptaram suas interações, focando mais na decepção e nas crenças falsas conforme as habilidades das crianças se desenvolviam.

O uso de comentários apropriados sobre a mente pelas mães durante a brincadeira com brinquedos aos 12 meses de idade estava positivamente relacionado com a capacidade das crianças de tomar a perspectiva visual de Nível 2 e a compreensão de falsas crenças aos 4 anos de idade, mesmo controlando as habilidades de tomada de perspectiva aos 2 anos de

15 Diário

Verbos cognitivos - Shatz, Wellman e Silber (1983), incluindo também substantivos e adjetivos relacionados à cognição

16 T6, T7 e T8: Jogo de esconder

Classificação do papel da enunciação em declarações, imperativos, perguntas fechadas ou abertas, seu conteúdo em: acesso ao conhecimento, engano, crença falsa ou emoção baseada em crença (McArthur et al., 2005; Rogoff et al., 1984)

17 T1: Brincadeira livre e brincadeira livre com brinquedos

Termos cognitivos (e.g., pensar, saber), de desejo (e.g., querer, gostar), emocionais (e.g., feliz, triste), estados mentais gerais (e.g., lembrar, sonhar, imaginar), e modulações de afirmações (e.g., talvez, pode ser) - critérios de Meins et al (2002)

| | | | |
|----|---|--|---|
| | | | |
| 18 | T1, T1, T3, T4 e T5: <u>Compartilhamento de fotografia/figura</u> | Bartsch and Wellman (1995) e Ruffman et al. (2002), analisando conteúdo de desejo, cognição e emoções. | idade. As referências maternas à cognição aparentam ser especialmente significativas. Os estudos demonstraram que o uso de termos cognitivos estava mais associado a uma boa performance nas tarefas de compreensão social (entre elas, a TOM). O aumento na linguagem de estados mentais, especialmente em termos cognitivos, está associado a um melhor desempenho em tarefas de compreensão social por parte das crianças. Mas a tarefa de crença falsa foi omitida desta análise devido ao alto índice de reprovação e a sua baixa consistência interna. |
| 19 | <u>Compartilhamento de livro</u> | Critérios de Slaugther et al., 2007: termos simples e clarificados de cognição, percepção e afeto, além de conteúdo de finalização de crença falsa | Os resultados mostraram que o emprego de cognições clarificadas pelas mães apresentou relação significativa com a ToM das crianças. No que condiz às análises de regressão, pode-se explicar 49,3% das variações no escore total da escala de ToM das crianças pela frequência de uso de termos mentais cognitivos clarificados pela mãe. |
| 20 | T1: <u>Brincadeira livre</u> | Comentários relacionados a estados mentais ou quando a mãe se referia aos estados mentais do filho em primeira pessoa | Ter uma mãe que usava comentários mais apropriados relacionados à mente previam melhor compreensão das emoções e da ToM. Quando testado o efeito indireto de comentários apropriados relacionados à mente prevendo traços impulsivos/irresponsáveis através do ToM não foi obtido resultado significativo. As clarificações comportamentais das mães foram preditoras da compreensão de crença falsa posterior da criança. E1: não foram encontradas associações significantes entre a MST da mãe e a compreensão de crença falsa da criança. E2: As crianças expostas a esclarecimentos sobre comportamento ou estados mentais melhoraram significativamente sua compreensão de crença falsa em comparação ao grupo de controle. |
| 21 | E1: T1 e T2 = <u>Compartilhamento de livro</u> | E1: Termos cognitivos (e.g., pensar, saber), termos de desejo (e.g., querer, gostar), termos emocionais (e.g., feliz, triste), estados mentais gerais (e.g., lembrar, sonhar, imaginar) e modulações de afirmações (e.g., talvez, pode ser) - critérios de Ruffman et al. (2002) | Amostra alemã e australiana: SES alto está relacionado com o uso de conversas mentais mais elaboradas e pontuações mais altas da ToM infantil. |
| 22 | T1 e T2: <u>Inventário do Estado Mental Materno (MMSII)</u> | Inventário de dados do estado mental materno (MMSII - Peterson & Slaughter, 2003) | A teoria da mente correlacionada positivamente com o uso de termos cognitivos pelo cuidador, e negativamente com o uso de termos de desejo. |
| 23 | <u>Compartilhamento de fotografia/figura</u> | Termos de estado mental: desejo, cognitivo e emoção - critérios de Bretherton e Beeghly (1982) | E1: No Paquistão, há atraso na aquisição de competência de compreensão social. E2: mostrou que as referências infantis a estados mentais eram raras (2% das declarações maternas e 1% das declarações infantis). Análises da relação entre conversação mãe-filho e o desempenho das crianças sugeriram que as medidas de compreensão social não foram previstas exclusivamente pelo uso de termo de estado mental ou de conexão dentro da conversa. |
| 24 | E2: <u>Observação naturalística</u> | Conteúdo (referências de estado mental em 3 categorias - Ensor e Hughes, 2008: termos cognitivos, de desejo e de emoção) Qualidade (4 categorias - Ensor e Hughes, 2008: conversa conectada, conversa iniciativa, conversa conflitiva e falha na conversa) | Termos cognitivos da narrativa da mãe aos 24 meses mostraram relações positivas com desempenho de crença falsa de primeira e segunda ordem das crianças. |
| 25 | T1 e T3: <u>Brincadeira livre com brinquedos</u> T2: <u>Compartilhamento de livro</u> | T1 e T2: Esquema dos Termos do Estado Mental (MSL) - Bretherton e Beeghly, 1982 – termos de percepção, termos fisiológicos, termos de volição; habilidade, | |

| | | | |
|----|--|---|---|
| | | termos de emoção; afeto, termos morais; obrigação e termos de cognição | |
| 26 | T1: <u>Compartilhamento de livro</u> | Termos do estado mental: termos de desejo, cognição e emoção | ToM foi significativamente relacionada às referências das mães aos estados mentais durante a interação de leitura de livros, na medida em que as mães que fizeram mais referências mentais tiveram filhos com melhores habilidades em ToM. |
| 27 | <u>Compartilhamento de fotografia/figura</u> | Termo do estado mental:cognitivo, emoção, desejo, estado mental gerais, e modulações assertivas - critérios de Ruffman et al. (2002) | Foi encontrada uma relação positiva direta entre termos de estado mental materna precoce aos 3-4 anos e o desempenho da teoria da mente das crianças aos 10 anos, influenciando também a termos de estado mental infantil na mesma idade. |
| 28 | <u>Compartilhamento de livro</u> | Termo do estado mental: Conhecimento; Modulação assertiva; Desejo; Emoção; Pretender; Outros; e Não estado mental - critérios de Ruffman et al. (2002) | As pontuações de crença falsa das crianças foram significativamente relacionadas (de forma positiva) com a conversa geral sobre o estado mental materno e foi explicada pelas relações de termos de conhecimento e termos de modulação assertiva. |
| 29 | <u>Compartilhamento de livro e Brincadeira livre com brinquedo</u> | Termo do estado mental: cognições, emoções e desejos - dicionário personalizado em linguistic inquiry and word count (LIWC, Tausczik e Pennebaker, 2010) | A capacidade parental de MM, MST e teoria da mente mostrou pouca sobreposição. Associações fracas e moderadas entre conversa do estado mental e a ToM das crianças. Conversa sobre estado mental mostrou associação longitudinal única com a ToM das crianças. Crianças expostas a níveis elevados de conversa sobre estado mental superaram seus pares na ToM. As mães iranianas referiram-se mais aos desejos e aos estados mentais dos outros, enquanto as mães neozelandesas referiram-se mais às cognições e aos estados mentais dirigidos às crianças. A conversa sobre o estado mental dirigida às crianças explicou as diferenças culturais no desempenho total da ToM. |
| 30 | <u>Compartilhamento de fotografia/figura</u> | Termos do estado mental: desejos, emoções e cognitivos - critérios de Ruffman et al. (2002) e Taumoepeau e Ruffman (2006, 2008) | As mães iranianas referiram-se mais aos desejos e aos estados mentais dos outros, enquanto as mães neozelandesas referiram-se mais às cognições e aos estados mentais dirigidos às crianças. A conversa sobre o estado mental dirigida às crianças explicou as diferenças culturais no desempenho total da ToM. |
| 31 | <u>Compartilhamento de livro</u> | Termos do estado mental: desejo, emoção e cognição | A conversa do estado mental dos pais sobre as suas próprias emoções, desejos e cognições dos outros, mas não sobre os estados mentais das crianças, estava significativamente associada à crença falsa das crianças. |
| 32 | <u>Compartilhamento de livro</u> | Termos do estado mental simples e clarificados (esclarecidos) e Inventário de dados do estado mental materno (MMSII – Peterson e Slaughter, 2003) | Os resultados mostraram que apenas as pontuações de compreensão de crenças falsas das crianças e o uso dos pais dos esclarecimentos cognitivos tiveram correlações positivas significativas. |
| 33 | T1: <u>Brincadeira livre</u> T2 e T4: <u>Entrevista com pais</u> T3: <u>Interação lúdica com roteiro</u> | T1: Codificação de comentários apropriados (Meins & Ferny- embora, 2015; Meins et al., 2001, 2012). T2 e T4: Procedimento de Meins e Colegas colegas (Meins & Fernyhough, 2015; Meins et al., 1998) para termos do estado mental, comportamental, físico ou geral. T3: Mentalidade - formulário (Deater-Deckard et al., 1997; Humber & Moss, 2005; Peterson et al., 2014) | Para ToM, o gênero e a capacidade verbal foram preditores significativos da ToM aos 4 anos de idade e os comentários associados à mente e ToM aproximaram-se da significância. O efeito direto de comentários apropriados relacionados à mente no ToM de 4 anos aproximou-se da significância, o efeito indireto não foi significativo. A nova medida de mentalidade mental baseada na observação mediou a relação entre comentários apropriados aos 8 meses e a compreensão emocional e da tom aos 4 e 5 anos. |

| | | |
|----|---|---|
| | | Cláusulas complementares sentenciais (CCS) cognitivas dos pais tiveram uma relação geralmente positiva com a crença falsa das crianças em ambos os contextos de ensino de quebra-cabeças (E1) e leitura de livros de história sem palavras (E2). Em contraste, nem o uso de CCS não-cognitivas pelos pais, nem termos cognitivos sem CCS estavam associados à crença falsa das crianças. Esses resultados sugerem que os termos de estado mental cognitivos dos pais e as CCS desempenham um papel conjunto na promoção da Teoria da Mente (ToM) das crianças; no entanto, nenhum deles é suficiente por si só. |
| | E1: <u>Jogo de quebra-cabeças</u> E2: <u>Compartilhamento de livro</u> | E1? Termos de estado mental cognitivos e Cláusulas Complementares Sentenciais (CCS) cognitivas (seguidas de termos de estado mental cognitivos) e CCS não-cognitivas (seguidas de predicados que não eram cognitivos) E2: O esquema de codificação para a fala dos pais foi idêntico ao do Estudo 1 |
| 34 | <u>Compartilhamento de livro</u> | Termos de acordo com Tompkins et al. (2017), com foco exclusivo nos enunciados extratextuais relacionados à história, categorizados em dois níveis de abstração: literal e inferencial |
| 35 | <u>Compartilhamento de fotografia/figura</u> | Termos do estado mental: cognição, desejo, emoção e modulações de assertividade - critérios de Bartsch and Wellman (1995), Ruffman et al. (2002) e Tau-moepeau e Ruffman (2006) |
| 36 | <u>Observação em setting naturalístico</u> | Questões elaborativas; Afirmações elaborativas e Repetições |

Fonte: Autoras (2025).

4. Discussão

Este estudo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática sobre os elementos do estado mental presentes na narrativa materna e seu impacto no desenvolvimento da ToM de crianças pré-escolares. Ainda que exista uma extensa literatura sobre o tema, este é o primeiro artigo, de conhecimento dos autores, que busca compilar e interpretar estes achados. Os dados encontrados demonstram que existe um consenso de avaliar os elementos do estado mental na narrativa materna e sua contribuição no desenvolvimento da ToM das crianças. Os artigos encontrados apresentaram características mistas e heterogêneas, mas um fator que se destacou pela homogeneidade foi o tipo de instrumento/tarefa utilizada para avaliar a narrativa materna- o compartilhamento de livros.

Foram encontrados 36 artigos publicados dentro dos últimos 27 anos. Pode-se perceber que é uma temática relativamente nova e que tem sido de interesse dos pesquisadores, tendo em vista que, desde seu primeiro estudo (1997), tem havido publicações de forma constante. Isto ressalta a importância do tema, já que a ToM tem sido

associada com relacionamentos mais satisfatórios e menos conflitos interpessoais. Por outro lado, mesmo que constante, não é um número tão expressivo, pensando que é em torno de 1,3 artigo por ano. Um dos fatores que pode ter contribuído para isso, é que o delineamento de um artigo com tarefa observacional, com posterior transcrição e codificação, é um processo que demanda tempo. O próprio formato da tarefa observacional com mães e filhos torna a disponibilidade da amostra mais difícil.

Quanto ao local e idioma de publicação, fica evidente a concentração de estudos na Europa, e o idioma inglês, considerado a língua universal, revelando pouca diversidade quanto essas duas categorias e uma predominância de idioma e cultura. Há um fator positivo que permite a generalização dos achados, já que se sabe que há aspectos universais do desenvolvimento da ToM (Misailidi & Tsiara, 2021) que independem do país e idioma falado. Uma meta-análise realizada por Wellman et al. (2001) revelou que o desenvolvimento da compreensão de crença falsa não diferiu entre diferentes tarefas e que esse entendimento ocorreu entre as idades de 2,5 e 5 anos entre países que tinham os estudos incluídos (Wellman et al., 2001), assim, é sugerido que a ToM se desenvolve universalmente em algum momento entre essa faixa-etária.

Por outro lado, há também o fator negativo, com estudos de uma corrente mais atual que analisa o impacto das experiências socioculturais e linguísticas dos indivíduos no desenvolvimento da ToM (Kobayashi et al., 2006; Navarro & Conway, 2021). Kobayashi et al. (2006) estudaram adultos bilingues e monolíngues e encontraram que a atividade cerebral e algumas bases neurais da ToM pareciam ser universais enquanto outras poderiam variar dependendo da formação cultural ou linguística da pessoa (Kobayashi et al., 2006). Complementando, os achados de Zhu et al. (2023) mostraram que a cultura étnica e a identificação do grupo podem influenciar o processamento da ToM (Zhu et al., 2023). Assim, as crianças em diferentes contextos culturais recebem informações diferentes e, por consequência, expericiam de formas diferentes os estados mentais, além de mudanças nas áreas de ativação cerebral. Para além do fator sociocultural, a literatura também mostra que a linguística pode moldar o desenvolvimento da ToM. Por haver essas duas correntes, há uma necessidade de mais estudos que avaliem o contexto sociocultural e linguístico de outros países para que seja explorada a diversidade cultural e linguística nas narrativas maternas. Sugere-se estudos que se expandem para além da Europa, e outros idiomas além do inglês a fim de verificar possíveis especificidades.

Já no quesito objetivos, foi percebido uma divisão bem parecida em três categorias: a) objetivo que havia uma relação direta entre as variáveis de interesse; b) objetivo que havia uma relação direta entre as variáveis de interesse mais alguma outra variável; c) objetivo com uma relação indireta das variáveis de interesse. Logo, o tema é bastante abordado e que também já é incluído junto com outras temáticas, o que se sugere que há outros fatores que entram nessa relação a serem explorados. Assim, haver artigos com objetivos que incluem essas outras variáveis traz mais evidências que suportam achados da relação direta e bidirecional da ToM e processos como comunicação e linguagem (Cardillo et al., 2020).

Os achados referentes às crianças participantes demonstram uma unanimidade em relação ao gênero, em que todos os estudos avaliaram tanto meninas quanto meninos. Apenas um dos estudos incluídos nesta revisão teve como objetivo principal a avaliação da diferença do gênero na associação longitudinal entre ToM, competência social e comportamento. Este estudo mostrou que as crianças com melhor desempenho de ToM, tinham mais elementos do estado mental e foi mais forte no sexo feminino (artigo 30). Este achado corrobora com estudos prévios que também tiveram como objetivo avaliar a diferença de gênero e a ToM e que encontraram a vantagem das meninas pré-escolares na compreensão emocional e no desempenho de tarefas de crença falsa (Calero et al., 2013). Além do gênero, o que se sabe na literatura em relação à performance dessas crianças no desenvolvimento da ToM, e que corroboram com a maior parte dos estudos da presente revisão, é que existe uma progressão do desempenho nas tarefas com relação à idade (Calero et al., 2013). Considerando esta discrepância percebida no nível de desenvolvimento de ToM entre os gêneros, sugere-se mais estudos relacionados às diferenças da narrativa materna entre diádicas mãe-filho e mãe-filha, a fim de compreender os mecanismos por trás dessas diferenças e se a frequência e elementos dos estados mentais presentes na narrativa materna são os mesmos independente do sexo da criança ou se há uma modificação da narrativa da mãe por causa do gênero.

Ainda sobre a amostra participante infantil, um ponto a ser destacado é que nesta revisão sistemática foram incluídos estudos com crianças neurotípicas. Nos estudos comparativos, um dos grupos necessariamente precisava ser com o desenvolvimento típico da criança. Assim como nos estudos incluídos na presente revisão, a maior parte das pesquisas apresentam um desempenho de ToM comprometido e baixa frequência de uso de conteúdo de estado mental em crianças com autismo, por exemplo, quando comparadas à crianças de linguagem mental e neurodesenvolvimento típicos (Tager-Flusberg, 2003).

No que diz respeito à amostra de adultos, o presente estudo teve o foco na narrativa materna, pois há uma sub representatividade de diádes pai-filho ou de outros cuidadores dentro do contexto familiar da criança em estudos sobre o desenvolvimento da ToM (Aldrich et al., 2021). Alguns estudos apontam níveis semelhantes de mentalidade mental entre pais e mães (Lundy, 2013). Ambas as narrativas estão significativamente relacionadas com o desenvolvimento da ToM (Lundy, 2013). É possível que a falta de estudos com os pais se deva ao fato de as mães terem mais oportunidades de interagir com as crianças no início do desenvolvimento. Um estudo conduzido pelo Pew Research Center (2013) revelou que mães dedicam cerca de 13,5 horas por semana ao cuidado infantil, o dobro do tempo dedicado pelos pais (7,3 horas por semana) (Pew Research Center, 2013).

Quando avaliada a interação da diáde mãe-filho, o instrumento/tarefa mais utilizado foi o compartilhamento de livro (leitura compartilhada). O resultado encontrado nesta revisão vai de encontro aos achados da literatura. Estudos mostram que livros de histórias infantis são uma boa fonte de conteúdo sobre estado mental (Dyer et al., 2000, Nation et al., 2022), pois as cenas e os personagens dos livros são apresentados frequentemente em termos de seus objetivos, pensamentos e emoções, o que incentiva os leitores a falar e pensar sobre eles (Dyer et al., 2000). Já os instrumentos/tarefas para avaliar a ToM nas crianças, fica evidente o conhecimento da tarefa de crença falsa como forma de avaliar. A tarefa de crença falsa foi desenvolvida por Wimmer e Perner (1983), justamente os autores mais citados nos artigos. A história é baseada na ideia de que o personagem principal possui uma crença diferente da realidade de quem está lendo/escutando a história, assim, a criança tem uma percepção diferente daquela do personagem principal (Wimmer & Perner, 1983).

Os sistemas de codificação encontrados para avaliar os elementos do estado mental foram bem diferentes. Embora utilizem basicamente as mesmas palavras, as categorias e formas de classificação são bem distintas. Além disso, existe uma falta de consenso na literatura de quais termos de estado mental estão ligados à ToM das crianças (Adrian et al., 2005). Os elementos do estado mental mais encontrados foram os cognitivos, de desejo e os de emoção (afeto/sentimento). A literatura prévia traz como principais os cognitivos, enquanto a influência de outros tipos como os de desejo e afetivo é menos clara (Adrian et al., 2005). Na grande maioria dos estudos, esses três aparecem de alguma forma, por vezes separados, por vezes juntos.

Estudos indicam que a compreensão de crença das crianças depende, principalmente, do uso de termos cognitivos dos pais (como o “pensar” e o “saber”) (Nelson, 2005). Na grande maioria, os termos de cognição são verbos como: entender, achar, compreender, entre vários outros. Entretanto, há autores que utilizam apenas os verbos pensar e saber. Esses estudos argumentam que eles são relevantes, pois fornecem rótulos para relações invisíveis e facilitam discussões em que diferentes pontos de vista são contrastados (Ruffman et al., 2002; Slaughter et al., 2007). Há também sistemas que pontuam os termos cognitivos a partir da complexidade da referência e uso de complementos que permitem contrastes de verdade/certeza e das orações subordinadas (Hale & Tager-Flusberg, 2005). Assim, embora pareçam codificar coisas similares, a forma como é dada a interpretação dos dados de acordo com as classificações existentes, por não haver um padrão único de codificação, podem ser extremamente distintas, dificultando a generalização e comparação dos resultados.

Já na categoria resultados, há uma tendência de os artigos apresentarem uma associação das variáveis da narrativa na ToM infantil, mas também há um número considerável de artigos que não encontraram associações. Esta discrepância pode estar relacionada às diferentes categorias de termos do estado mental. Há indícios de que determinadas categorias de termos de estado mental são importantes em diferentes períodos do desenvolvimento. Um estudo conduzido por Wellman e Liu (2004) traz que mães que falam sobre termos de desejo entre os 0-2 anos da

criança promovem a compreensão inicial de ToM (Wellman & Liu, 2004). Posteriormente, na pré-escola, entre os 2 aos 4 anos de idade, a ênfase muda para a conexão entre desejos e emoções, com termos como “feliz” e “triste” sendo de suma importância, visto que as crianças passam a compreender que desejos realizados ou frustrados desencadeiam emoções específicas (Astington & Baird, 2005). Já entre os 4-5 anos de idade, a criança desenvolve a capacidade de compreender as crenças falsas, e mães que utilizam termos cognitivos como “achar” e “pensar” facilitam esse progresso (Nelson, 2005).

Além dos resultados referentes às diferentes classificações dos termos de estado mental, é importante ressaltar as diferenças metodológicas entre os estudos, em que traziam diversas formas de avaliar a narrativa materna e de classificar os termos de estado mental dessa narrativa em diferentes categorias sem um padrão prévio. Por fim, diversos outros fatores podem também explicar as discrepâncias nas associações encontradas, como outras variáveis que interferem no desenvolvimento da ToM e que não foram o foco do presente artigo.

Quanto às limitações, a primeira encontrada foi antes mesmo da inclusão e exclusão dos artigos, na etapa da realização da busca de artigos que é feita através dos descritores. Os descritores indexados nas bases de dados são generalistas e abrangentes de uma temática bem maior do que a estudada, e não existe nenhum descritor indexado específico sobre o tópico principal. Para uma busca adequada e ajustada do tema, foi necessária uma busca com palavras-chave que não estavam indexadas em bases de dados. Outra limitação foi a grande diversidade dos sistemas de codificação, que tornou inviável uma generalização sobre qual foi o elemento do estado mental da narrativa materna que mais foi atribuído e explicou melhor o desempenho da ToM das crianças.

5 Considerações finais

Na presente revisão sistemática, foi possível analisar os estudos que evidenciam a relação entre elementos da narrativa materna no desenvolvimento e desempenho de ToM das crianças, mesmo com metodologias heterogêneas entre os estudos. De modo geral, esta revisão mostra que existem aspectos específicos no efeito da narrativa materna na ToM que demonstram a importância das práticas de comunicação parental no desenvolvimento sociocognitivo infantil. Apesar de ser um tema estudado, ainda existem lacunas de consenso quando se trata de padronização e indexação de termos sobre as variáveis pesquisadas. A padronização das medidas de Teoria da Mente é essencial, pois a variabilidade na forma como essa variável é mensurada dificulta comparações entre estudos e a construção de consensos na literatura. Sugere-se que seja uma associação que se mantenha sendo estudada empiricamente na literatura em diferentes culturas e metodologias com o propósito de preencher tais lacunas.

Declaração de disponibilidade de dados

O presente artigo tem como foco principal contribuições de natureza teórica ou metodológica, sem a utilização de conjuntos de dados empíricos. Dessa forma, conforme as diretrizes editoriais da revista, o artigo está isento de depósito em repositórios de dados.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

- Adrián, J. E., Clemente, R. A., & Villanueva, L. (2007). Mothers' use of cognitive state verbs in picture-book reading and the development of children's understanding of mind: a longitudinal study. *Child development*, 78(4), 1052–1067. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2007.01052.x>
- Adrian, J. E., Clemente, R. A., Villanueva, L., & Rieffe, C. (2005). Parent-child picture-book reading, mothers' mental state language and children's theory of mind. *Journal of child language*, 32(3), 673–686. <https://doi.org/10.1017/s0305000905006963>
- Aldrich, N. J., Chen, J., & Alfieri, L. (2021). Evaluating associations between parental mind-mindedness and children's developmental capacities through meta-analysis. *Developmental Review*, 60, Article 100946. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2021.100946>
- Alves, J. dos S., & Martins, I. C. (2021). Parentalidade e desenvolvimento socioemocional: uma revisão. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*, 7(8), 453–465. <https://doi.org/10.51891/rease.v7i8.1967>
- Astington, J. W., & Baird, J. A. (Eds.). (2005). *Why language matters for theory of mind*. Oxford University Press
- Barreto, A. L., Osório, A., Baptista, J., Fearon, P., & Martins, C. (2018). Association between theory of mind and mental state talk in preschoolers and later social competence and behaviour. *Infant and Child Development*, 27(2), 1–16. <https://doi.org/10.1002/icd.2060>
- Bartsch, K., & Wellman, H. M. (1995). *Children talk about the mind*. Oxford University Press.
- Calero, C. I., Salles, A., Semelman, M., & Sigman, M. (2013). Age and gender dependent development of theory of mind in 6- to 8-years old children. *Frontiers in Human Neuroscience*, 7, 281. <https://doi.org/10.3389/fnhum.2013.00281>
- Cardillo, R., Mammarella, I. C., Demurie, E., Giofrè, D., & Roeyers, H. (2020). Pragmatic language in children and adolescents with autism spectrum disorder: Do Theory of Mind and executive functions have a mediating role?. *Autism research: official journal of the International Society for Autism Research*, 14(5), 932–945. <https://doi.org/10.1002/aur.2423>
- Carr, A., Slade, L., Yuill, N., Sullivan, S., & Ruffman, T. (2018). Minding the children: A longitudinal study of mental state talk, theory of mind and behavioural adjustment from age 3 to age 10. *Social Development*, 27. <https://doi.org/10.1111/sode.12315>
- Centifanti, L. C. M., Meins, E., & Fernyhough, C. (2016). Callous-unemotional traits and impulsivity: distinct longitudinal relations with mind-mindedness and understanding of others. *Journal of child psychology and psychiatry, and allied disciplines*, 57(1), 84–92. <https://doi.org/10.1111/jcpp.12445>
- Chan, M., Wang, Z., Devine, R. T., & Hughes, C. (2020). Parental mental-state talk and false belief understanding in Hong Kong children. *Cognitive Development*, 55, Article 100926. <https://doi.org/10.1016/j.cogdev.2020.100926>
- de Araujo, G. B., Sperb, T. M., & Bittencourt, H. R. (2016). Mental terms in the context of telling stories and children's Theory of Mind/ Termos mentais na contação de histórias e a Teoria da Mente das crianças. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(4). Disponível em: <https://link.gale.com/apps/doc/A535420629/AONE?u=anon~c0580a8d&sid=googleSchool&xid=39c291d4>
- Devine, R. T., & Hughes, C. (2019). Let's talk: parents' mental talk (not mind-mindedness or mindreading capacity) predicts children's false belief understanding. *Child development*, 90(4), 1236–1253. <https://doi.org/10.1111/cdev.12990>
- Devine, R. T., White, N., Ensor, R., & Hughes, C. (2016). Theory of mind in middle childhood: Longitudinal associations with executive function and social competence. *Developmental psychology*, 52(5), 758–771. <https://doi.org/10.1037/dev0000105>

- Ding, X. P., Teo, S. L. Y., & Tay, C. (2021). The link between parental mental state talk and children's lying: An indirect effect via false belief understanding. *Journal of experimental child psychology*, 201, 104990. <https://doi.org/10.1016/j.jecp.2020.104990>
- D'Iorio, A., Baiano, C., Roldan-Tapia, M. D., & Santangelo, G. (2024). Theory of mind. *Frontiers in Psychology*, 15, 1370048. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2024.1370048>
- Dyer, J. R., Shatz, M., & Wellman, H. M. (2000). Young children's storybooks as a source of mental state information. *Cognitive Development*, 15(1), 17-37. [https://doi.org/10.1016/S0885-2014\(00\)00017-4](https://doi.org/10.1016/S0885-2014(00)00017-4)
- Ebert, S., Peterson, C., Slaughter, V., & Weinert, S. (2017). Links among parents' mental state language, family socioeconomic status, and preschoolers' theory of mind development. *Cognitive Development*, 44, 32–48. <https://doi.org/10.1016/j.cogdev.2017.08.005>
- Fishburn, S., Meins, E., Fernyhough, C., Centifanti, L. C. M., & Larkin, F. (2022). Explaining the relation between early mind-mindedness and children's mentalizing abilities: The development of an observational preschool assessment. *Developmental psychology*, 58(1), 17–31. <https://doi.org/10.1037/dev0001272>
- Hale, C. M., & Tager-Flusberg, H. (2005). Social communication in children with autism: the relationship between theory of mind and discourse development. *Autism: the international journal of research and practice*, 9(2), 157–178. <https://doi.org/10.1177/1362361305051395>
- Harari, Y., & Weinstock, M. (2021). Interpretive theory of mind and empathic prosocial moral reasoning. *British Journal of Developmental Psychology*, 39(1), 78–97. <https://doi.org/10.1111/bjdp.12345>
- Howard, A. A., Mayeux, L., & Naigles, L. R. (2008). Conversational correlates of children's acquisition of mental verbs and a theory of mind. *First Language*, 28(4), 375–402. <https://doi.org/10.1177/0142723708091044>
- Hutchins, T. L., Deraway, C., Prelock, P., & O'Neill, A. (2017). Mothers' and children's story-Telling: A study of dyads with typically developing children and children with ASD. *Journal of autism and developmental disorders*, 47(5), 1288–1304. <https://doi.org/10.1007/s10803-016-3022-z>
- Kobayashi, C., Glover, G. H., & Temple, E. (2006). Cultural and linguistic influence on neural bases of "Theory of Mind": An fMRI study with Japanese bilinguals. *Brain and Language*, 98(2), 210–220. <https://doi.org/10.1016/j.bandl.2006.04.013>
- Kong, Q., Mulvihill, A., Slaughter, V., Fraser, H., Cavanagh-Welch, B., Elwina, F. C., Kang, J., & Ruffman, T. (2023). Not just quantity but also quality of language: Cross-cultural comparisons of maternal mental state talk in New Zealand, Australia, and China. *PloS one*, 18(3), e0282480. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0282480>
- Kristen-Antonow, S., Licata-Dandel, M., Müller, M., & Sodian, B. (2018). Maternal cognition talk in the mother–toddler dyad mediates the influence of early maternal emotional availability on preschoolers' belief reasoning. *Social Development*, 27(4), 841–857. <https://doi.org/10.1111/sode.12301>
- LaBounty, J., Wellman, H. M., Olson, S., Lagattuta, K., & Liu, D. (2008). Mothers' and fathers' use of internal state talk with their young children. *Social Development*, 17(4), 757–775. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00450.x>
- Laranjo, J., Bernier, A., Meins, E., & Carlson, S. M. (2014). The roles of maternal mind-mindedness and infant security of attachment in predicting preschoolers' understanding of visual perspective taking and false belief. *Journal of experimental child psychology*, 125, 48–62. <https://doi.org/10.1016/j.jecp.2014.02.005>
- Leyva, D., von Suchodoletz, A., Shroff, D., Hinojo, A., & Kärtner, J. (2021). Maternal book-sharing styles and goals and children's verbal contributions in three communities. *Early Childhood Research Quarterly*, 54, 228–238. doi:10.1016/j.ecresq.2020.09.010

- Liu, Y., Wang, Y., Luo, R., & Su, Y. (2016). From the external to the internal: Behavior clarifications facilitate theory of mind (ToM) development in Chinese children. *International Journal of Behavioral Development*, 40(1), 21–30. <https://doi.org/10.1177/0165025414562484>
- Lundy, B. L. (2013). Maternal and paternal influences on children's theory of mind development: Longitudinal analysis. *Journal of Family Psychology*, 27(5), 725-734. <https://doi.org/10.1037/a0034443>
- Meins, E., Fernyhough, C., Wainwright, R., Das Gupta, M., Fradley, E., & Tuckey, M. (2002). Maternal mind-mindedness and attachment security as predictors of theory of mind understanding. *Child development*, 73(6), 1715–1726. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00501>
- Mejah, H., Bakar, A., & Amat, S. (2019). The socio-emotional development of preschoolers: a case study. *Konselor*, 8(1), 1–5. <https://doi.org/10.24036/0201981103975-0-00>
- Misailidi, P., & Tsiora, E. (2021). Conscience and theory of mind in children aged 4 to 7 years. *Journal of Experimental Child Psychology*, 203, 1–15. <https://doi.org/10.1016/j.jecp.2020.105007>
- Moeller, M. P., & Schick, B. (2006). Relations between maternal input and theory of mind understanding in deaf children. *Child development*, 77(3), 751–766. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2006.00901.x>
- Moola, S., Munn, Z., Tufanaru, C., Aromataris, E., Sears, K., Sfetcu, R., Currie, M., Lisy, K., Qureshi, R., Mattis, P., & Mu, P. (2020). Systematic reviews of etiology and risk. Aromataris, E., Lockwood, C., Porritt, K., Pilla, B., Jordan, Z. (Eds.) *JBI Manual for Evidence Synthesis*. JBI; 2024. Available from: <https://synthesismanual.jbi.global>. <https://doi.org/10.46658/JBIMES-24-06>
- Murray, L., Pella, J. E., De Pascalis, L., Arteche, A., Pass, L., Percy, R., Creswell, C., & Cooper, P. J. (2014). Socially anxious mothers' narratives to their children and their relation to child representations and adjustment. *Development and Psychopathology*, 26(4pt2), 1531–1546. doi:10.1017/s0954579414001187
- Nation, K., Dawson, N. J., & Hsiao, Y. (2022). Book language and its implications for children's language, literacy, and development. *Current Directions in Psychological Science*, 31(4), 375-380. <https://doi.org/10.1177/09637214221103264>
- Navarro, E., & Conway, A. R. (2021). Adult bilinguals outperform monolinguals in theory of mind. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 74(11), 1841-1851. <https://doi.org/10.1177/17470218211009159>
- Nawaz, S., & Lewis, C. (2018). Mother-child conversation and social understanding in Pakistan. *International Journal of Behavioral Development*, 42(5), 496–505. <https://doi.org/10.1177/0165025417741365>
- Nelson, K. (2005). Language Pathways into the Community of Minds. In J. W. Astington & J. A. Baird (Eds.), *Why language matters for theory of mind* (pp. 26–49). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195159912.003.0002>
- Nelson, P. B., Adamson, L. B., & Bakeman, R. (2012). The developmental progression of understanding of mind during a Hiding Game. *Social development (Oxford, England)*, 21(2), 313–330. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2011.00638.x>
- Ontai, L. L., & Thompson, R. A. (2008). Attachment, parent-child discourse and theory-of-mind development. *Social Development*, 17(1), 47–60. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00414.x>
- Ouzzani, M., Hammady, H., Fedorowicz, Z., & Elmagarmid, A. (2016). Rayyan—a web and mobile app for systematic reviews. *Systematic reviews*, 5(1), 210. <https://doi.org/10.1186/s13643-016-0384-4>
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Aki, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson,

E., McDonald, S.,...Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: An updated guideline for reporting systematic reviews. *PLOS Medicine*, 18(3), Article e1003583. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1003583>

Peterson, C., & Slaughter, V. (2003). Opening windows into the mind: Mothers' preferences for mental state explanations and children's theory of mind. *Cognitive Development*, 18(3), 399–429. [https://doi.org/10.1016/S0885-2014\(03\)00041-8](https://doi.org/10.1016/S0885-2014(03)00041-8)

Pew Research Center. (2013). *Modern Parenthood: Roles of moms and dads converge as they balance work and family*. Chapter 4: How Mothers and Fathers Spend Their Time. Pew Research Center. Recuperado de [Pew Research Center](#).

Pluta, A., Krysztofiak, M., Zgoda, M., Wysocka, J., Golec, K., Gajos, K., Dołyk, T., Wolak, T., & Haman, M. (2023). Theory of Mind and Parental Mental-State Talk in Children with CIs. *Journal of deaf studies and deaf education*, 28(3), 288–299. <https://doi.org/10.1093/deafed/enad004>

Randell, A. C., & Peterson, C. C. (2009). Affective qualities of sibling disputes, mothers' conflict attitudes, and children's theory of mind development. *Social Development*, 18(4), 857–874. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2008.00513.x>

Ruffman, T., Puri, A., Galloway, O., Su, J., & Taumoepeau, M. (2018). Variety in parental use of "want" relates to subsequent growth in children's theory of mind. *Developmental Psychology*, 54(4), 677–688. <https://doi.org/10.1037/dev0000459>

Ruffman, T., Slade, L., & Crowe, E. (2002). The relation between children's and mothers' mental state language and theory-of-mind understanding. *Child development*, 73(3), 734–751. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00435>

Ruffman, T., Slade, L., Devitt, K., & Crowe, E. (2006). What mothers say and what they do: The relation between parenting, theory of mind, language and conflict/cooperation. *British Journal of Developmental Psychology*, 24(1), 105–124. <https://doi.org/10.1348/026151005X82848>

Shamblaw, A. L., Benson, J. E., Harkness, K. L., & Sabbagh, M. A. (2019). Maternal depression and children's false belief understanding. *Social Development*, 28(4), 927–941. <https://doi.org/10.1111/sode.12369>

Slaughter, V., Peterson, C. C., & Mackintosh, E. (2007). Mind what mother says: narrative input and theory of mind in typical children and those on the autism spectrum. *Child development*, 78(3), 839–858. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2007.01036.x>

Symons, D. K., Fossum, K.-L. M., & Collins, T. B. K. (2006). A longitudinal study of belief and desire state discourse during mother-child play and later false belief understanding. *Social Development*, 15(4), 676–691. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2006.00364.x>

Tager-Flusberg, H. (2003). Exploring the relationship between theory of mind and social-communicative functioning in children with autism. In B. Repacholi & V. Slaughter (Eds.), *Individual differences in theory of mind: Implications for typical and atypical development* (pp. 197–212). Psychology Press.

Taumoepeau, M. (2015). From talk to thought: Strength of ethnic identity and caregiver mental state talk predict social understanding in preschoolers. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 46(9), 1169–1190. <https://doi.org/10.1177/0022022115604393>

Taumoepeau, M., Sadeghi, S., & Nabilo, A. (2019). Cross-cultural differences in children's theory of mind in Iran and New Zealand: The role of caregiver mental state talk. *Cognitive Development*, 51, 32–45. <https://doi.org/10.1016/j.cogdev.2019.05.004>

Tay, C., & Ding, X. (2022). Parental mental state talk in two contexts: Parents' cognitive sentential complements are positively associated with children's theory of mind. *Cognitive Development*, 63. 101192. <https://doi.org/10.1016/j.cogdev.2022.101192>

Welch-Ross M. K. (1997). Mother-child participation in conversation about the past: relationships to preschoolers' theory of mind. *Developmental psychology*, 33(4), 618–629. <https://doi.org/10.1037//0012-1649.33.4.618>

Wellman, H. M., & Liu, D. (2004). Scaling of theory-of-mind tasks. *Child Development*, 75(2), 523-541. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2004.00691.x>

Wellman, H. M., Cross, D., & Watson, J. (2001). Meta-analysis of theory-of-mind development: The truth about false belief. *Child Development*, 72(3), 655–684. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00304>

Wimmer, H., & Perner, J. (1983). Beliefs about beliefs: Representation and constraining function of wrong beliefs in young children's understanding of deception. *Cognition*, 13(1), 103–128. [https://doi.org/10.1016/0010-0277\(83\)90004-5](https://doi.org/10.1016/0010-0277(83)90004-5)

Zhu, T., Zhang, L., Wang, P., Xiang, M., & Wu, X. (2023). The influence of in-groups and out-groups on the theory-of-mind processing: evidence from different ethnic college students. *Cognitive research: principles and implications*, 8(1), 5. <https://doi.org/10.1186/s41235-023-00461-6>

Ziatas, K., Durkin, K., & Pratt, C. (2000). The social context of developments in theory of mind and communicative competence: Evidence from mother-child conversations with children with autism, Asperger syndrome, specific language impairment, and normal development. *The Australian Educational and Developmental Psychologist*, 17(1), 90–109. <https://doi.org/10.1017/S0816512200028054>

Editora Responsável: Thainara Granero de Melo

Recebido/Received: 10.12.2024 / 12.10.2024

Aprovado/Approved: 08.11.2025 / 11.08.2025